



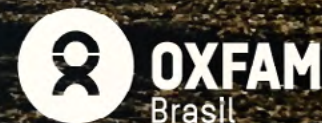
MAPA DAS **DESIGUALDADES**

2022

Realização:



Apoio:



EQUIPE INESC

Conselho Diretor

Aline Maia Nascimento
Júlia Alves Marinho Rodrigues
Márcia Anita Sprandel
Pedro de Carvalho Pontual
Roseli Faria

Colegiado de Gestão

Cristiane da Silva Ribeiro
José Antonio Moroni
Nathalie Beghin

Gerente Financeiro, Administrativo e de Pessoal

Ana Paula Felipe

Assistente da Direção

Marcela Coelho M. Esteves
Thayza Benetti

Equipe de Comunicação

Gabriela Alves
Mara Karina Sousa-Silva
Sílvia Alvarez
Thays Puzzi

Assessoria Política

Alessandra Cardoso
Carmela Zigoni
Cássio Cardoso Carvalho
Cleo Manhas
Gabriela Nepomuceno
Leila Saraiva
Livi Gerbase

Tatiana Oliveira
Thallita de Oliveira

Assessoria Técnica

Dyarley Viana de Oliveira

Educador Social

Markão Aborigine

PMAA – Planejamento, Monitoramento, Avaliação, Aprendizagem

Adriana Silva Alves

Assistente de Contabilidade

Josemar Vieira dos Santos

Assistente Financeiro

Ricardo Santana da Silva

Técnico de Informática

Cristóvão Frinhani

Auxiliares Administrativos

Adalberto Vieira dos Santos
Eugênia Christina Alves Ferreira
Isabela Mara dos Santos da Silva

Auxiliar de Serviços Gerais

Roni Ferreira Chagas

Estagiários/as

Camila Beda
Juami Aquino
Yan Nogueira da Silva

APOIO INSTITUCIONAL

Charles Stewart Mott Foundation
CLUA – Climate and Land Use Alliance
ETF - Energy Transition Fund
Fastenaktion
Fundação Ford
Fundação Heinrich Böll
Fundar
ICS – Instituto Clima e Sociedade
KNH – Kindernothilfe
Malala Fund
Misereor
OSF – Open Society Foundations
Oxfam Brasil
PPM – Pão para o Mundo
Rainforest Foundation Norway

Inesc - Instituto de Estudos Socioeconômicos

Endereço: SCS Quadra 1 - Edifício Márcia, 13º andar, Cobertura.

CEP: 70.307-900 Brasília/DF

Telefone: +55 (61) 3212-0200

E-mail: inesc@inesc.org.br

Site: www.inesc.org.br



FICHA TÉCNICA DA EDIÇÃO

Coordenação Política

Cristiane da Silva Ribeiro, José Antônio Moroni,
Nathalie Beghin (Colegiado de Gestão)

Coordenação Técnica

Cleo Manhas
Dyarley Viana
Leila Saraiva
Markão Aborigene

Levantamento de indicadores

Júlio Campos

Consultorias

Paique Duques Santarem
Ana Júlia Zaks

Redação e produções artísticas

Ana Júlia Zaks
Ana Lívia
Andrey Nascimento
Ayoola
Babi
Bruna Rodrigues
Cleo Manhas (Inesc)
Daniel Fernandes

Dyarley Viana (Inesc)
Eduardo (Dudu Mano)
Leila Saraiva (Inesc)
Lucas Daniel
Márcia Mesquita
Markão Aborigene (Inesc)
Panti
Paulo Henrique Santarém
Rafael Felix
Ramona
Ravena Carmo
Sarah Badu
Taliz
Victor Queiroz
Walisson Braga
William Monteiro de Moraes (Aggin)

Diagramação e projeto gráfico

Tatu Design

Mapa

Ludmila Ewerton

Foto de capa

Victor Queiroz

Brasília, abril de 2023.

É permitida a reprodução total ou parcial do texto, de forma gratuita, desde que sejam citados os autores e a instituição que apoiou o estudo, e que se inclua a referência ao artigo ou ao texto original.



SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Introdução.....	15
Os dados das desigualdades do Distrito Federal	21
Desigualdades de Raça, Renda e Gênero.....	26
Saúde.....	37
Saneamento Básico.....	42
Educação.....	50
Mobilidade Urbana.....	58
Segurança Pública.....	66
Cultura, esporte e lazer.....	71
Considerações Finais	77



APRESENTAÇÃO

O Instituto de Estudos Socioeconômicos – Inesc é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, não partidária, com sede em Brasília. Fundada em 1979, atua desde então junto a organizações parceiras da sociedade civil e movimentos sociais. Tem como missão contribuir para o aprimoramento dos processos democráticos visando à garantia dos direitos humanos, mediante o diálogo com o cidadão e a cidadã, a articulação e o fortalecimento da sociedade civil para influenciar os espaços de governança nacional e internacional.

Nesse caminho, tem o orçamento público como sua principal agenda, buscando aproximar cada vez mais pessoas do debate e da incidência no tema, fortalecendo o eco das vozes da sociedade na disputa pelo orçamento para a garantia de direitos. Para tal, além da produção de análises e monitoramento da execução orçamentária, uma de nossas principais ferramentas é a formação com diversos grupos: movimentos sociais, juventudes periféricas, indígenas e quilombolas, crianças e adolescentes, entre outros/as.

Em nosso território, temos o Movimento Nossa Brasília como mobilizador da agenda do Direito à Cidade. O Movimento nasceu em 2012 e se organizou em três grupos temáticos: mobili-

dade urbana, gênero e sexualidade e cultura. Entre as nossas atividades, está a produção do Mapa das Desigualdades. Com o apoio da Oxfam Brasil, desde 2016 publicamos o Mapa, no qual analisamos dados publicizados pela Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada pela antiga Codeplan e atual Instituto de Pesquisa e Estatística do DF (IPE/DF) e compartilhamos vivências de quem pisa no chão dessa terra, enquanto mapeamos as profundas desigualdades que constituem o Distrito Federal e procuramos propor políticas para enfrentá-las.

De lá para cá, foram **diversas as experimentações** que realizamos com esse instrumento: além de sistematizar os dados encontrados, debatemos os dados com movimentos sociais, construímos etnografias populares, escrevemos crônicas, organizamos grupos focais, oferecemos oficinas de escrita e lançamos livros, **diagnosticamos as medidas urgentes para o enfrentamento da Covid-19 no DF** (Agenda 10) considerando as desigualdades do DF.

Nessa nova edição do Mapa, construímos as análises dos dados atualizados da PDAD 2022 a partir de muitas mãos. Além da equipe do Inesc, participaram do processo 15 jovens de 13 Regiões Administrativas do DF.

Elas e eles trouxeram para análise da pesquisa suas vivências e escrevivências, dando vida aos dados. Quando necessário, denunciaram as dores e as revoltas de serem corpos que vivenciam as desigualdades, as violações de sobreviver (sobre-viver) em contexto de vulnerabilidade. “Nada de nós sem nós” - esse foi lema dos encontros.

Ao longo de cinco encontros, nos quais debatemos os números e as nossas vidas, quem deu tom, a cor, o ritmo foram representantes de coletivos jovens periféricos. Nesta publicação, fica evidente como essas identidades (Jovens, periferia) são tecidas por muita força intelectual, cultural. Tem em comum a busca pelo bem viver, ser, pertencer. Cientes de que pobreza, criminalização, doença, morte nas “quebradas” gera votos e lucros, *a ideia reta* (na fala deles) é uma só: É preciso acabar com as desigualdades! E as juventudes têm pressa! Temos poesia também, mas sem dignidade qualquer poesia é morta; sem direito à cidade o conceito de humanidade desaparece.

QUEM CONSTRUIU ESSE MAPA?

ANA LÍVIA, SANTA MARIA, 19 ANOS.

Estudante de Direito e moradora de Santa Maria. Participou das formações da Rede Malala e campanha por maior financiamento à educação.

ANDREY NASCIMENTO, PARANOÁ PARQUE, 18 ANOS.

Sou Andrey Nascimento, tenho 18 anos, sou ativista dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Há 6 anos faço parte do projeto Onda onde aprendi sobre orçamento público e direitos de crianças e adolescente. Já fui do comitê de participação de adolescentes do Conselho Nacional do Direitos da Criança e do Adolescente (2021-2022). Sou membro da Rede Nacional de Jovens Contra o Trabalho infantil do FNPETI.

AYOOLA, CEÎLANDIA, 29 ANOS.

Ayoola é Ceilandense e cidadã do mundo. Mãe de Enzo e Christine. Poetisa, compositora e slammer, entre muitas das facetas de pode ser uma preta, mulher e ativista de quebrada.

BABI, TAGUATINGA, 19 ANOS.

Babi é rapper, MC, ativista, e residente de Taguatinga. Conheceu a cultura pela convivência de sempre passar pela Batalha do Relógio, e acabou se envolvendo com o tempo. Batalhou pela primeira vez aos 14 anos, e agora aos 19 coleciona momentos felizes e feitos importantes à cultura Hip-Hop.

BRUNA RODRIGUES, ESTRUTURAL, 19 ANOS.

Bruna Rodrigues é comunicadora, blogueira às vezes, fotógrafa da natureza e escritora de livros não publicados. Nasceu em 2004 em Buritituba, interior de Minas Gerais, mas vive no Distrito Federal desde que decidiu realizar o seu sonho de ser jornalista. Aos 15 anos ingressou em diversos movimentos políticos sobre direitos das crianças e adolescentes, atualmente dedica parte do seu tempo para a produção do Mapa das desigualdades do Distrito Federal.

CAROLINE MODESTO, PARANOÁ, 22 ANOS

Carol, 22 anos, reside no Paranoá. Participou do Projeto Onda e por meio deste teve acesso a várias atividades vinculadas a lutas diversas, uma das ações mais emblemáticas foi a construção da campanha antirracista intitulada “Por Quê Não Amar?” construída a partir de uma pesquisa criada e aplicada por adolescentes e jovens no território, consolidada a partir de partilhas de experiências de cada um dos adolescentes. Caroline é filha da Bahia e aterrissou no centro-oeste no ano de 2006, depois da chegada por aqui morou em diversas cidades.

DANIEL FERNANDES, LAGO AZUL-GO, 25 ANOS.

Daniel Fernandes, na certidão nas ruas MC Fernandes, também conhecido como @gordin100freio, 25 anos, morador do Lago Azul-GO, representante do entorno sul, MC, poeta, compositor, cantor, produtor cultural, militante periférico e ativista cultural do movimento Hip-Hop!

Atuando desde 2013 nas batalhas de MC nas quebradas do Distrito Federal e entorno, sendo uma das principais referências na modalidade. Dentro do contexto são mais de 10 anos difundindo a cultura Hip-Hop, em especial do Rap, sendo uma referência na preservação e motivação dessa cultura no DF e Entorno, valorizando as futuras e atuais gerações do Rap nacional!

EDUARDO, CEILÂNDIA NORTE, 26 ANOS.

Vulgo Dudu Mano MC, artista independente produtor cultural e arte educador. Nasceu no Maranhão e se desenvolveu e formou nas quebradas do DF. Representante da cultura Hip-Hop desde 2009 através do Rap, beat box, Streetball, desde então vem realizando e participando de vários shows e projetos culturais e sociais em prol da comunidade, voltado para crianças, jovens e adolescentes. Lutar pela garantia de direitos humanos e sociais e incentivar os jovens ao caminho da cultura, educação, música, arte e cultura é a missão.

DJ ELDY, CEILÂNDIA, 31 ANOS.

Eldy, nascida em Santa Rita de Cássia, Bahia, atualmente reside em Ceilândia DF, Sol Nascente trecho 2. Eldy é organizadora de eventos em saraus educativos e sociais. Representante formal do Coletivo Cultural Funk de Estilo, que já é atuante no DF. Projetos realizados na cultura urbana acrescentando o empoderamento feminino. Realiza apresentações em várias localidades do DF e outros estados. Há mais de 8 anos, a artista, ativista cultural e aspirante em produção cultural está na luta por valorização do Funk Brasileiro na Periferia do Distrito Federal.

ERIKA, SANTA MARIA, 24 ANOS.

Erika Lorrany, cria da Santa Maria, estudante de serviço social pela UNB. Iniciou sua jornada como agente cultural da ONG VIRAÇÃO-TO,

desenvolvendo atividades relacionadas à capoeira e outros elementos da cultura afro-brasileira. Acredito na força e potência da educação popular, o nosso saber ninguém tira.

HELLÉN KARIÚ, CEILÂNDIA, 22 ANOS.

Estudante indígena do curso de pedagogia na UnB, acredita na educação como forma de emancipação. Nascida e crescida na Ceilândia, mas com berço no Ceará, Hellén é apoiadora da Ocupação Mercado Sul, bem como voluntária em trabalhos na área da educação nas periferias. Além disto é co-escritora e co-editora do livro Guerreiras da Ancestralidade - Mulherio das letras indígenas.

LUCAS DANIEL, PARANOÁ, 27 ANOS.

Cria da Chapada dos Veadeiros e do Piauí que cresceu vendo o céu pintado de pipas do Paranoá. 27 anos rodando catracas dos ônibus que viram um filho de uma empregada doméstica e um vigilante pegar um diploma de Serviço Social na Universidade de Brasília.

MÁRCIA MESQUITA, PARANOÁ PARQUE, 22 ANOS.

Moradora do Paranoá Parque, Márcia Mesquita, 22 anos, é integrante do Projeto Onda há 06 anos. Atuou fortemente na Campanha Por Que Não Amar? uma campanha antirracista, além de participar do coletivo Meninas Malala.

PANTI, ITAPOÃ, 26 ANOS.

Baiana raiz, Panti ou Pantiline reside em Brasília desde 2003 e representa o Itapoã. Empreendedora no ramo da confeitaria, a Rapper já participou de diversos eventos e festivais como Yo Music Festival, Festival Elemento em Movimento, Smurphies Disco Club, dentre outros. Também atua como palestrante acerca dos direitos e defesa da mulher, Panti lançou sua primeira música em 2014, projeto realizado em

parceria com DJ Júnior Killa. Caminhou pelas quebradas do DF e SP levando o peso do boombap.

RAFAEL FELIX (SINGELO MC), SAMAMBAIA, 29 ANOS.

Singelo MC é samambaiense convicto, escritor, rimador, narrador de campeonato de golzinho e o que mais der na telha. atualmente trabalha na publicação de sua primeira obra autoral, chamada “Arte de rua: eu e minha resposta”. Possui uma relação de mais de uma década com o Freestyle do DF, além disso, é psicólogo e educador popular.

RAMONA JUCÁ, TAGUATINGA, 23 ANOS.

Giulliana Lethicia da Silva Mendes, conhecida como Ramona Jucá, tem 23 anos, natural de Taguatinga/DF e Indígena do Povo Potiguara Ibirapi, das raízes de Ceará Mirim/RN. É moradora da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive/DF. Formada em audiovisual pelo IFB Recanto das Emas, atua como ativista da tecnologia, arte e da cultura ancestral na perspectiva do cinema de guerrilha.

RAVENA CARMO, PLANALTINA, 33 ANOS.

Ravena Carmo, Professora de Ciências, pedagoga mestranda em Políticas Públicas e Gestão da Educação (FE-UnB), produtora cultural, educadora popular, escritora e poetisa. Fundadora da Associação Poesia nas Quebradas e do NEOLIM (Núcleo de Estudos de Organização e do conhecimento em Literatura Marginal). Premiada no FAC Prêmios Cultura Brasília 60, na categoria Literatura, prêmio Aldir Blanc DF e prêmio Marielle Franco de Direitos Humanos.

SARAH BADU, VARJÃO, 23 ANOS.

Moradora do Varjão, Sarah Badu é Agente cultural, MC - mestre de cerimônia, criadora da batalha do Varjão, integrante do Segunda Alternativa.

TALIZ, SAMAMBAIA, 25 ANOS.

Talíz, é brasiliense e criada em Samambaia, a artista se vê como disseminadora do gênero R&B e tem como principais inspirações de carreira Beyoncé, Lauryn Hill, Bruno Mars e Tim Maia. A brasiliense já lançou diversos trabalhos autorais. O primeiro single de carreira, “Pode me ligar”, foi produzido pela gravadora Ceilanwood e, além das composições solo, a cantora já se uniu a outros artistas como Paulo Amaro, Reallega, Markão Aborígene, Israel Paixão, Tchelo Gomez, Kiaz e Nith. O feat da música “Eu Faço” com o cantor Nith conta com mais de 420 mil players.

VICTOR QUEIROZ, PARANOÁ, 23 ANOS.

Brasiliense, criado no Paranoá. Victor é formado em Gestão Pública pelo IFB e também é fotógrafo e designer gráfico, além de um ativista pela mobilidade urbana. Victor já foi adolescente do projeto Onda e secretário no Fórum da Juventude do Paranoá Parque e hoje está como ativista no movimento Jovens pelo Clima e voluntário no programa tmjUnicef atuando no GT de Mudanças Climáticas, um sonhador, que gosta de imaginar como seria um futuro mais justo e igual para a sociedade de forma geral. Um apaixonado por movimentos artísticos e culturais das mais diversas formas.

WALISSON BRAGA, CIDADE OCIDENTAL, 26 ANOS.

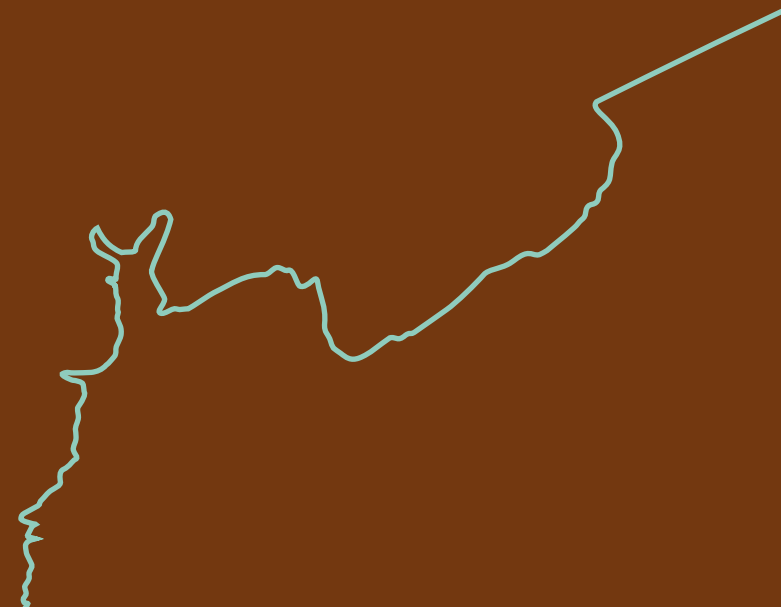
Sou quilombola pertencente ao território de Mesquita, localizado no entorno de Brasília, no município de Cidade Ocidental - GO. Sou estudante de Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Atualmente estou na função de chefe de divisão de Gabinete da Secretaria de Políticas para Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana, Povos de Terreiros e Ciganos do Ministério de Igualdade

Racial. Atuo também no coletivo de comunicação da CONAQ colaborando como comunicador de redes sociais. A missão desse coletivo é de colaborar com a visibilidade dessas comunidades. Estagiei por 2 anos no Instituto Socioeconômico (INESC) desenvolvendo o Projeto Formação de Juventude Quilombola em Orçamento e Direitos da Região Norte. Além de militante quilombola, também sou fotógrafo, uso essa ferramenta para dar visibilidade à minha cultura, também uso a fotografia para mudar a autoestima das pessoas que fotografo, faço esse trabalho com muito amor, pois o produto final produzido pela minha câmera se torna uma memória visual que pode ser usada como forma de educar.

WILLIAM MONTEIRO DE MORAIS (AGGIN)

(SONHO BRASILEIRO), ESTRUTURAL, 25 ANOS.

25 anos, morador da Estrutural desde os 4 anos de idade. Músico. Artista do selo OBI. Arte Educador no Coletivo da Cidade. Organizador da Batalha da Estrutural. Sobrevivente. Irmão do meio. Sonhador.







A CIDADE QUE EU SONHO _ANA LÍVIA

Andei pensando nas pessoas que conheci ao longo da vida,
da escola, da rua e da quebrada que eu nasci.
Você consegue imaginar como é sobreviver aqui?
decidi mudar e dividir histórias que eu vivi.

A cidade que eu sonho, aliás, o mundo que eu sonho,
é conseguir enxergar de longe os sorrisos daqueles que se sentem sozinhos e excluídos
Criaria oportunidades para aqueles que já não tem a esperanças nos olhos,
uma educação de qualidade com livros, Internet e lazer para as crianças.

A cidade que eu sonho é uma cidade que tenha políticas públicas eficientes,
que todos saibam seus direitos e que a estatística ruim nunca mais cresça

Quero ser exemplo pra minha irmã mais nova!
inspiração pra mulher que ela vai ser
e ensinar que a vida não é fácil, mas se o mundo fosse igual pra todos,
chegaríamos no topo e nós venceríamos mais rápido

A cidade que eu quero é uma cidade que nunca deixe sua cultura, sua música e os seus
a cidade que eu quero é uma cidade que seja construída por pessoas honestas
que não exista violência
que os pequenos cresçam com a consciência de que há esperança, na vida, na paz e na ciência
e acima de tudo, não deixar de lado a resiliência e a persistência
a cidade que eu quero é a cidade que tenha coletivos, com jovens como nós
em busca de uma só missão: Uma cidade dos sonhos, onde mora a união.



INTRODUÇÃO



O Mapa das Desigualdades é feito com muitas mãos, pés, corações, indignação e esperança freiriana, esperança em movimento, sonhos acordados para acordar em uma cidade melhor. O processo de tecer o mapa parte de uma pesquisa coletando dados da PDAD publicados em 2022, retratando as percepções dos moradores/as das Regiões Administrativas do DF acerca de suas cidades. As análises que agora compartilhamos, versam sobre políticas públicas consideradas prioritárias e sintomáticas da forma como o território do DF se organiza. Para construirmos essas análises de forma coletiva e dando vida aos números, foram realizados 05 encontros organizados a partir da educação popular.

OFICINA 01

ACOLHIMENTO E MAPEAMENTO DE ONDE VEM NOSSOS PÉS

“Os pés de barro, de todody, no ensino médio, vergonha. Hoje, orgulho: na aba reta a resistência, resiliência; cara da quebrada que se reinventa com a cadência de um cordel, com cores e traços do grafite, planta poesia, cactos, no quadrado somos cubo, empinamos a pipa, tem vida na periferia que colore o céu com cores de liberdade em busca de dignidade”

A primeira oficina foi de apresentação, tanto dos/as participantes como do Mapa das Desigualdades. Os e as jovens presentes contaram um pouco de sua história e de suas cidades, trazendo para roda algum objeto que representasse sua quebrada. Em seguida, apresentamos os objetivos do Mapa e as edições anteriores. Por fim, debatemos a importância e relevância de um novo Mapa e caminhos para construí-lo de forma a impactar a vida de quem pisa o chão das cidades do DF.

OFICINA 02

DIREITO À CIDADE E SEGREGAÇÃO RACIAL

“Quem construiu a cidade não são as pessoas que usufruem dela. No DF há sítios arqueológicos de 12 mil anos, e Brasília não tem 62 anos. Nosso povo é milenar. O DF é ancestral. Quiseram criar a cidade sem vínculo com a colônia, escravidão ou império, e assim usar tecnologia e arquitetos modernistas,

criando uma cidade construída por pretos, mas pra branco morar, pois a ideia era construir e ir embora.”

No segundo encontro, Paique Duques compartilhou com o grupo a discussão sobre segregação espacial no Distrito Federal, construída no âmbito do Movimento Passe Livre. Nele, conversamos sobre a história desse território, a vinda de migrantes nortistas e nordestinos para a construção de Brasília, depois expulsos para longe da cidade que construíram. O debate se cruzou com as experiências de cada um/a dos participantes e com as edições anteriores do Mapa: as desigualdades não são casualidades, são fundantes do DF.

OFICINA 03

DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS E PROPOSTA DE NOVOS INDICADORES

“O que os dados podem fazer? Informar, representar, mudar, orientar, confundir, alertar.”

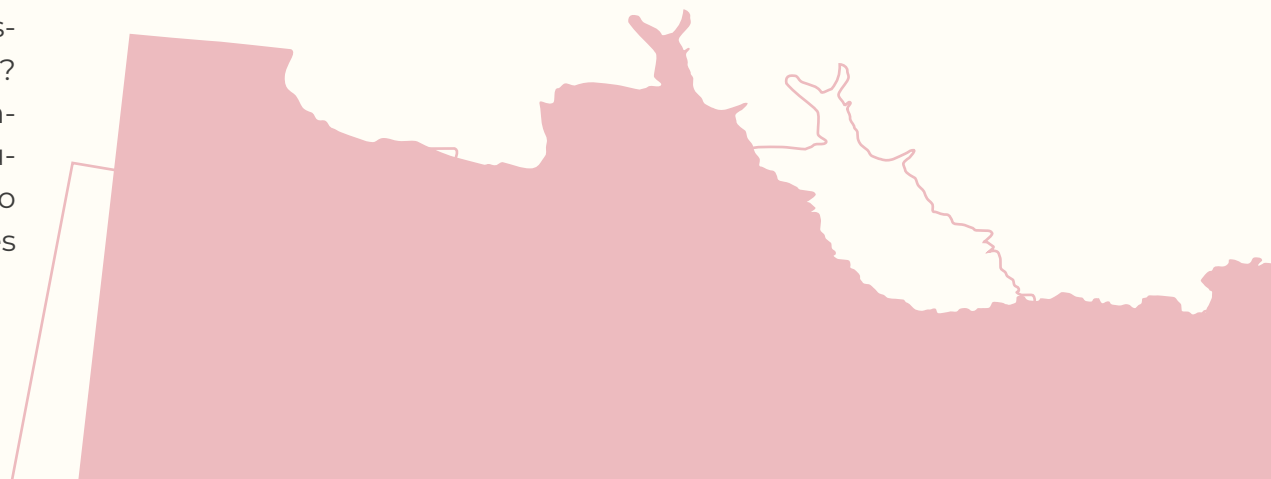
Na terceira oficina, passamos ao debate conceitual sobre indicadores sociais e dados provenientes de pesquisas estatísticas. Como eles se relacionam com a nossa vivência? Que uso político eles podem ter? Como podem fundamentar ou desorientar a nossa atuação? Desta forma, formulamos juntos/as os caminhos possíveis de incidência do Mapa, além de decidir quais seriam as nossas prioridades analíticas e a maneira como encararíamos os números.

OFICINA 04

“DANDO CARA AOS INDICADORES”

“Democratizar o acesso às políticas públicas de acordo com a necessidade de cada região: Cada um tem sua necessidade, não podemos escolher uma política pra uma pessoa que a gente não sabe como é a rotina ou a vida dessa pessoa.”

Os indicadores escolhidos como prioritários pelo grupo guiaram a quarta oficina. Nela, os dados da PDAD (2022) sobre “Equidade Social”, “Mobilidade Urbana” e “Educação”, trabalhados pelo Inesc, foram amplamente debatidos pelos/as participantes. Além de destrinchar os dados, a proposta da oficina foi também elaborar coletivamente as percepções sobre eles, cruzando com as realidades ali compartilhadas. Além disso, foi neste encontro que o grupo se organizou para incidir junto aos parlamentares do Distrito Federal e pensou formas diversas de apresentar o conhecimento construído ao longo do projeto.



INCIDÊNCIA: DIALOGANDO COM OS PARLAMENTARES

“As pessoas nas periferias têm dificuldade de ter acesso ao trabalho, têm dificuldade de ter acesso à educação, dificuldade de fazer com que suas crianças acessem creches. Elas dependem da mobilidade urbana [...] para ir ao trabalho, para acessar vários serviços, porque esses serviços não estão disponíveis em boa qualidade na própria região administrativa delas. E aí tem o cruzamento dos dados, que a gente identificou que quanto mais empobrecido é o território, maior é a população negra, maior é a população sem acesso a trabalho e sem acesso a serviços básicos. Então, tudo vai convergindo para que esse grupo seja prejudicado o quanto ele puder.”

No quinto encontro, os jovens elencaram ações prioritárias a serem realizadas após o término das oficinas, tanto no âmbito de intervenções culturais, quanto no âmbito de incidências políticas. Além disso, apresentaram aos parlamentares presentes um resumo de suas discussões ao longo dos encontros anteriores, sintetizando em uma apresentação sobre “Mobilidade Urbana”, “Equidade Social” e “Educação”, os gráficos analisados em conjunto com suas reflexões, embasadas tanto em estudos, quanto

em suas vidas cotidianas. Os parlamentares presentes trouxeram contribuições ao debate, levantando questões relevantes sobre os temas discutidos e apontando caminhos, a partir de suas expertises, para traduzir os anseios dos jovens em ações concretas. Nesse sentido, se comprometeram em ser aliados das lutas do grupo, se disponibilizando para realizarem Audiências Públicas com o tema geral de Equidade e Orçamento Público, tanto na esfera distrital, quanto na esfera federal.

Nesses encontros, zelamos pela garantia dos espaços de fala e escuta, de denúncia das violações como também de afirmação e pertencimento ao território. A consciência da identidade jovem periférica caminhou junto com a consciência da urgência da luta por seus direitos, confluindo para disposição e foco na incidência política. A prioridade dada aos dados sobre “Equidade Social”, “Educação” e “Mobilidade Urbana” nos indicam as demandas vistas como prioritárias pelos/as jovens que construíram o Mapa.

De antemão, agradecemos ao grupo por essa troca de aprendizagens. As juventudes trazem em sua presença física e intelectual seus territórios, de modo que é fácil materializar os indicadores. Por aqui, buscamos nos mover para o dia que os Mapas não indiquem as dores de um grupo que, na maioria das vezes, veste pele preta e tem CEP periférico. Nos somamos no exercício de denunciar, monitorar e incidir por justiça social, a partir desse encontro que o Mapa nos proporciona: as desigualdades são deles, as soluções são nossas.



CAPITAL ESTRUTURAL _AGGIN

Os olhos que condenam vestem fardas e exalam moral
Fortificam a evasão, invadem o institucional. (Polícia)
Vou ser mais simples nas minhas letras
Jogar só o ponto de vista:
Esse capital Cultural é Elitista.

Uma romaria voltar pra casa
tipo, que pecado eu to pagando?
Igual quadros do Romero Britto
Que merda é essa que eu to olhando?

A linguagem da elite são rabiscos valiosos
Já a cultura periférica é a melhor definição dos
nossos rostos.

Ainda to vivendo o ócio
Seu ódio não tira meu foco.
Notas são feitas pra empilhar
Por isso prédios são em blocos.

Por isso a Estrutural é nova
pra quem acorda o mundo novo.
Mais de 60 anos de opressão
mas não convém passar na Globo.
É, eu sei que tá tudo errado.
Por isso agrediram o Yuri
Tentaram forjar o Simulacro.
Que bom que somos espertos
Pra tentar fugir do Necro.

E se for menor de idade?
Reduzir é lucrativo pra quem vive outra Cidade.
Da pra notar a disparidade
Esse sangue não estanca.
Quando eu cheguei aqui não existia a Santa.

A invasão era nós
Escolher entre almoço e Janta
Sempre o sistema tá colhendo o que nós planta.
Se eu responder vou ser um preto reativo igual
Blanca.



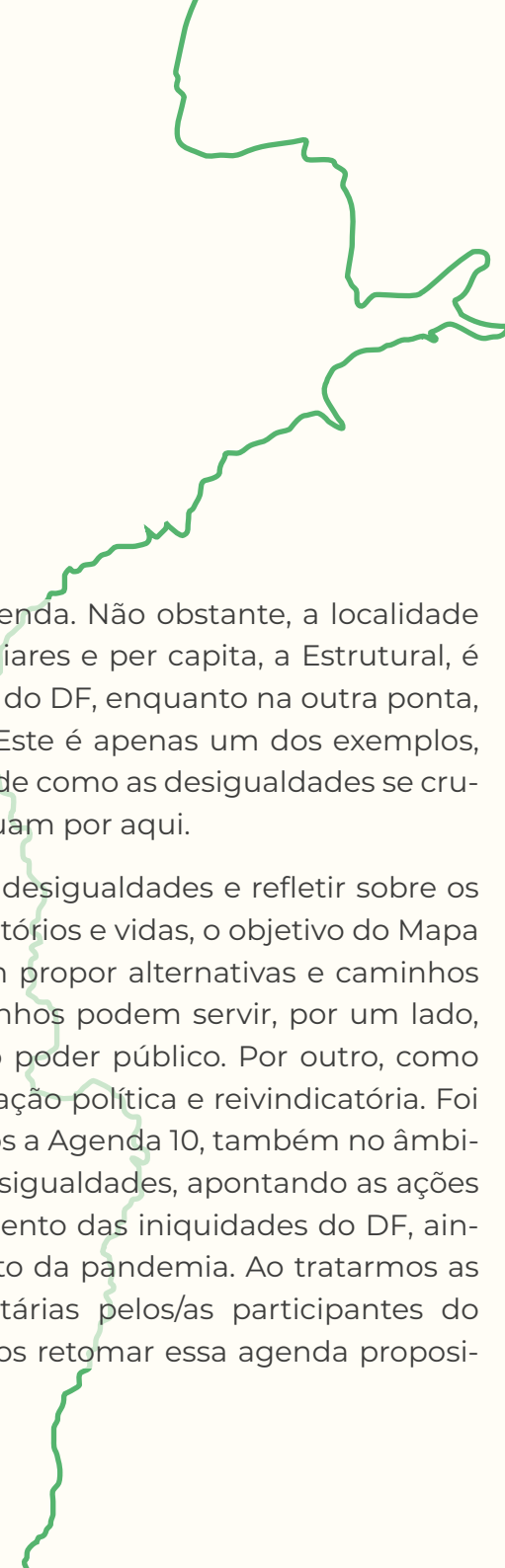
OS DADOS DAS DESIGUALDADES DO DISTRITO FEDERAL

Nessa quinta edição do Mapa das Desigualdades, partimos mais uma vez da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios para traçar um panorama das desigualdades no Distrito Federal. Publicados em 2022, os dados que aqui nos servem de base para entender o território do DF tratam da percepção dos/as moradores/as acerca de suas Regiões Administrativas. Como nas outras edições, o Mapa das Desigualdades propõe cruzamentos e tratamentos específicos para os números trazidos na pesquisa, com um enfoque no diagnóstico e superação das desigualdades profundas que se manifestam por aqui, desde que resolveram passar uma régua e zerar a história dessa terra, tentando começar no ano em que os palácios foram erguidos no Planalto Central. Desconsiderando, até mesmo, as novas histórias dos trabalhadores e trabalhadoras que deram suor, sangue e muitas vezes a vida para erguerem Brasília.

Os dados são contundentes e demonstram o quanto as desigualdades são marcadas pelas questões raciais, de gênero e de classe. Somando-se nos territórios desassistidos pelo Estado, onde raça, gênero, território, renda, são dimensões do retrato feio desse quadrado, onde a maior renda per capita equivale

a 16 vezes o valor da menor renda. Não obstante, a localidade com as menores rendas familiares e per capita, a Estrutural, é uma das cidades mais negras do DF, enquanto na outra ponta, o Lago Sul, é a mais branca. Este é apenas um dos exemplos, que se multiplicarão a seguir, de como as desigualdades se cruzam, se costumam e se perpetuam por aqui.

Para além de diagnosticar as desigualdades e refletir sobre os seus impactos em nossos territórios e vidas, o objetivo do Mapa das Desigualdades é também propor alternativas e caminhos para enfrentá-las. Estes caminhos podem servir, por um lado, de orientação para a ação do poder público. Por outro, como guia para a nossa própria atuação política e reivindicatória. Foi nesse sentido que construímos a Agenda 10, também no âmbito do projeto do Mapa das Desigualdades, apontando as ações necessárias para o enfrentamento das iniquidades do DF, ainda mais agravadas no contexto da pandemia. Ao tratarmos as questões consideradas prioritárias pelos/as participantes do projeto, também procuraremos retomar essa agenda propositiva e urgente.



E O ORÇAMENTO DO DF,

ENFRENTA AS *DESIGUALDADES*?

Além dos dados que analisaremos a seguir, parece-nos importante fazer também uma breve discussão sobre o orçamento do DF, para percebermos se as prioridades governamentais vão ao encontro da redução de desigualdades, ou, ao contrário, facilitam o seu acirramento, garantindo mais recursos públicos para quem mais tem.

Então, começaremos pela disponibilidade dos dados no Portal de Transparência, que precisam ser melhor tratados e terem mais acessibilidade. Afinal, é preciso ir a dois locais diferentes para entender o que foi autorizado e o que foi de fato pago. Ou seja, na aba despesas, para saber o que já foi pago no ano, é preciso fazer pesquisa por ação, programa, função etc. No entanto, para saber o que foi autorizado no ano, ou o que está bloqueado/contingenciado, é preciso abrir o QDD- Quadro de detalhamento de despesas. Então, o que já é muito complicado para quem não trabalha diretamente com orçamento, fica ainda mais difícil, quando se tem de pesquisar em diferentes locais para se ter a informação completa.

Em habitação, por exemplo, em 2022 houve recurso para construção de novas unidades e melhoria habitacional, a execução ficou em cerca de R\$ 2,7 milhões para novas unidades e R\$ 1,2 milhão para melhorias. Mesmo que pouco o recurso para o ta-

manho do problema, houve algum gasto. Em 2023, para a função habitação, só há ações-meio; essas duas citadas, sequer aparecem no orçamento do ano em vigor.

Para a cultura, em 2022 o gasto com o FAC foi de R\$ 2,8 milhões. No entanto, a falta de transparência não nos permite ver o que está autorizado para 2023, sendo que o empenho até o momento não passa de R\$ 29 mil.

Em saneamento, a única ação que aparece em 2023 é a regulação de serviços públicos, não estando disponíveis ações relativas às águas pluviais e limpeza urbana, verificáveis em 2022. Ou seja, há uma questão de transparência que precisa ser revista pelo executivo e cobrada pelo legislativo. Quando se trata de gestão ambiental, em 2020, houve recursos para a construção de centros de triagem de resíduos sólidos; já em 2021, aparece a ação de construção da política de resíduos, para a qual não foi destinado recurso algum. Em 2022, resíduos sólidos sequer aparecem nesta função.

Com relação às ações integrantes da função Direitos de Cidadania, em 2022, na ação de combate à violência, não há como saber se faz referência à violência contra mulheres ou contra crianças e adolescentes. O recurso executado foi de parques R\$ 30 mil e esta ação não aparece em 2023. Assim como não apa-



recem os recursos para o Programa de Proteção a crianças, adolescentes e jovens ameaçados de morte, o PPCAAM.

Com relação ao transporte, é nítida a priorização do transporte individual motorizado, já que a maior parte do recurso vai para a construção e manutenção da infraestrutura para os automóveis, enquanto o transporte coletivo e a mobilidade a pé, ou por bicicletas, ficam com sobras. Por exemplo, em 2022 não executaram nada para a construção de passarelas, no entanto, gastou-se R\$ 400 mil com construção de estacionamentos. E em 2023 foram destinados R\$ 2 mil para construção de paraciclos e bicicletários, o que já é um valor ínfimo, mas pasmem, ainda bloquearam R\$ 1,2 mil, restando oitocentos reais.

Além disso, há algo grave, pois entre passe-livre e manutenção do equilíbrio do sistema de transporte público, o aporte foi da ordem de R\$ 1,4 bilhão direto para as empresas de transporte público urbano, em 2022, sem qualquer transparência, ou melhoria da qualidade, ou mesmo redução de tarifa. Para 2023 há previsão de R\$ 757,5 milhões somando as duas ações. Então, além de dar transparência ao que é repassado às empresas, é preciso dizer porque os valores são tão discrepantes entre um ano e outro. Os governos devem arcar com os custos do transporte público para beneficiar a população com a tarifa zero, não para beneficiar as empresas.

Sabemos que estamos longe de cumprir a meta do Plano Nacional de Educação acerca da educação infantil, especialmente com respeito às creches. No entanto, apesar de haver aporte em 2022 para novas unidades de educação infantil, em 2023 esta ação sequer aparece. Recursos para bibliotecas, em 2022 foram poucos R\$ 51 mil e em 2023, foram aprovados R\$ 1 milhão e bloqueados R\$ 600 mil, restando outros R\$ 400 mil, no entanto, até o momento apenas R\$ 2,2 mil foram empenhados.

Então, mesmo com certa dificuldade, pela ausência de alguns dados, é possível visualizarmos que o orçamento público não prioriza as populações mais pobres, com a destinação de recursos para suprir déficits habitacionais, de saneamento, de ausência de internet ou equipamentos, de melhoria da qualidade do transporte público urbano, dentre outros. Ou seja, nada nos sinaliza que as desigualdades reduzirão a partir do que está previsto pelo atual governo. É preciso disputar os recursos com os já agraciados de sempre. A Agenda 10 que construímos desde 2020 não teve uma linha atendida, ou mais recursos aportados para as urgências relacionadas à saneamento, habitação, saúde, educação, transporte etc.

QUILOMBOS E ALDEIAS _AYOOLA

Os passos hoje são meus, mas atrás tem um bonde na contenção.

Nessa sombra tem só eu, mas há luz no Ori.

Pra guiar a lança no asfalto e na mata, só peço a benção e proteção.

Mentiras coloniais são algozes, ladram como cães ferozes, tentam me acuar.

Mas não vão não!

Avanço mermo. Sem tempo pra terror.

Quando deitar no travesseiro o sonho vai ser de progresso e amor.

Cada dia eu quero mais!

Pra honrar meus ancestrais vou gozar do meu caminho, rimar junto aos passarinhos e cantar mais um pouquinho, deixa a tristeza pra lá.

“Canta forte, canta alto

Que a vida vai melhorar

A vida vai melhorar

A vida vai melhorar...”

.

A fé que tenho na força da mulher de melanina alta, de melanina pouca, a mulher que vem da mata,

de voz aveludada que de tanto se impor, as vezes fica rouca... Nem cabe na Ceilândia.

Nem cabe no Brasil.

Quem não tem noção desse poder ou é maluco ou sucumbiu.

Os decretos da mão alva fazem da nossa vida o alvo,

Mas sem nós, aquelas pragas não teriam nem navio.

Elas têm pacto com o capeta e nós com a Conceição.

E como Deus é mulher Preta... Ai de quem tiver uma gota do nosso sangue na mão.





Análise das desigualdades de Raça, Renda e Gênero

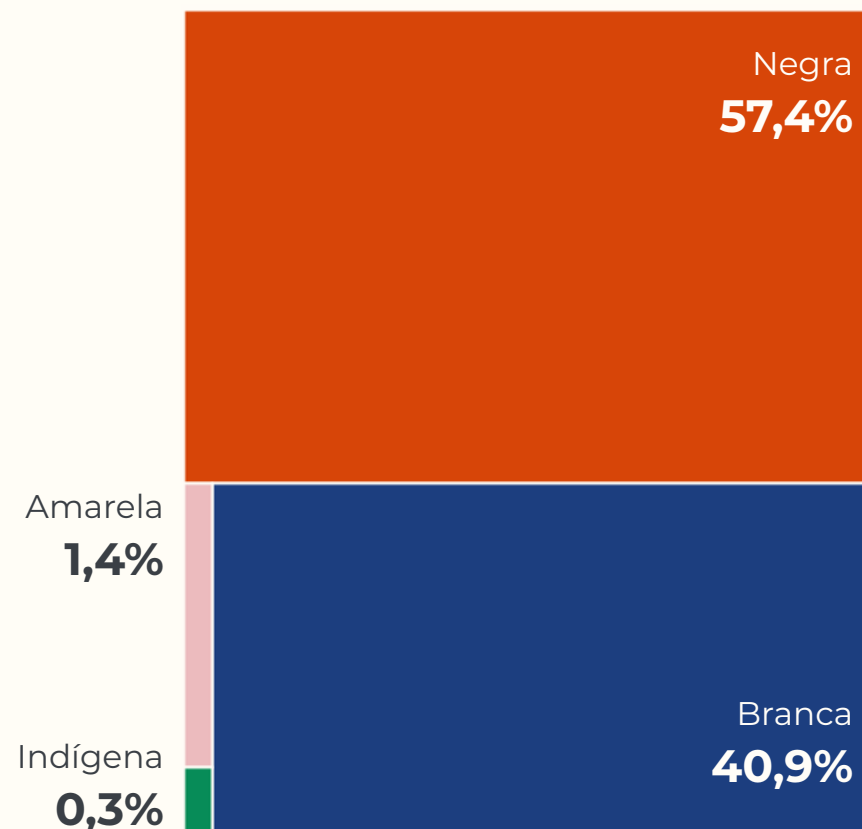
O Distrito Federal é um território negro do Brasil, com 57,4% de população assim autodeclarada.

Somente nove regiões administrativas não tem mais de cinquenta por cento de seus habitantes autodeclarados pretos ou pardos. São elas: Lago Sul, ParkWay, Sudoeste/Octogonal, Plano Piloto, Lago Norte (estas com mais de 30% de população negra), Jardim Botânico, Cruzeiro, Águas Claras e Guará (com mais de 40% de população negra). O restante do DF varia de mais de 50% até mais de 75% de população negra em seus territórios. As desigualdades raciais no Distrito Federal e Entorno são conhecida-mente espacializadas. Ou seja, as regiões onde há maioria de população negra são aquelas menos assistidas por infraestrutura, recursos, investimentos e também aquelas que mais sofrem repressão e violência estatal. Trata-se das dimensões básicas de racismo ambiental, onde territórios negros são sistematicamente violados, constituindo uma tragédia socioambiental.

Os dados sobre domicílios com problemas de esgoto a céu aberto e entulhos nas cercanias dão dimensão dessas desigualdades. A cor das regiões com problemas evidencia a diferenciação racial no espaço.

Gráfico 1: População do Distrito Federal por raça/cor da pele (2021)

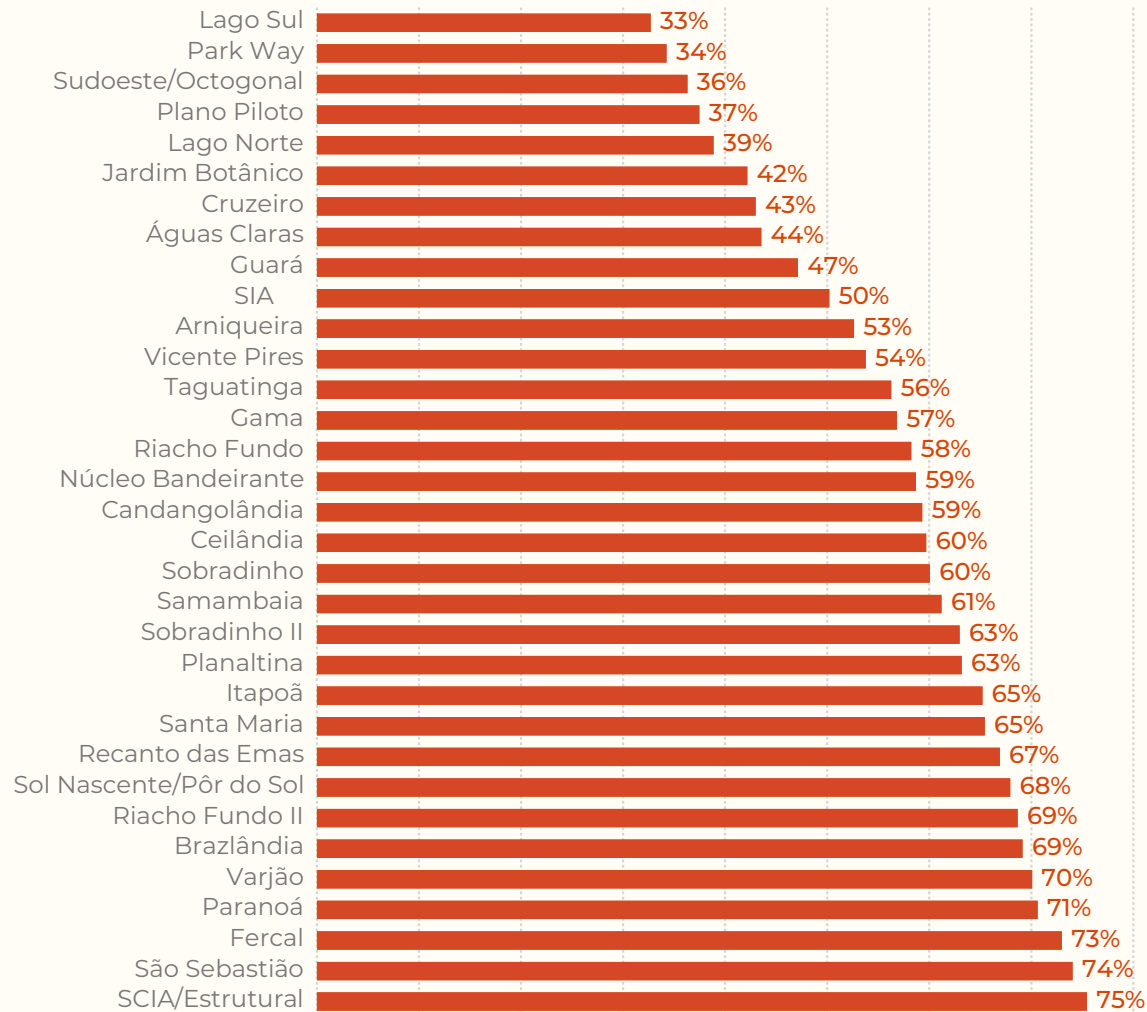
Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 2: População negra por Região Administrativa do DF (2021)

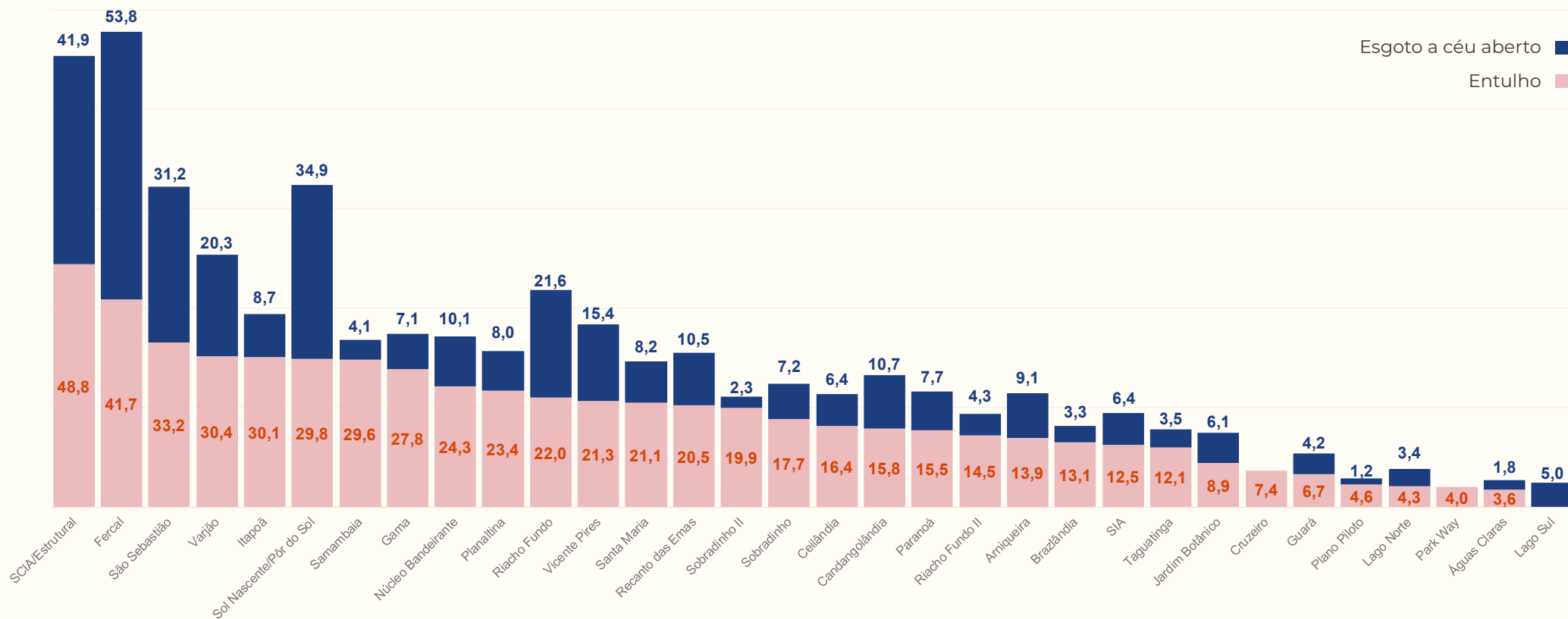
Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 3: Domicílios com problemas de esgoto a céu aberto e de entulho nas cercanias nas cercanias das Regiões Administrativas (2021)

Valores em porcentagem (%)



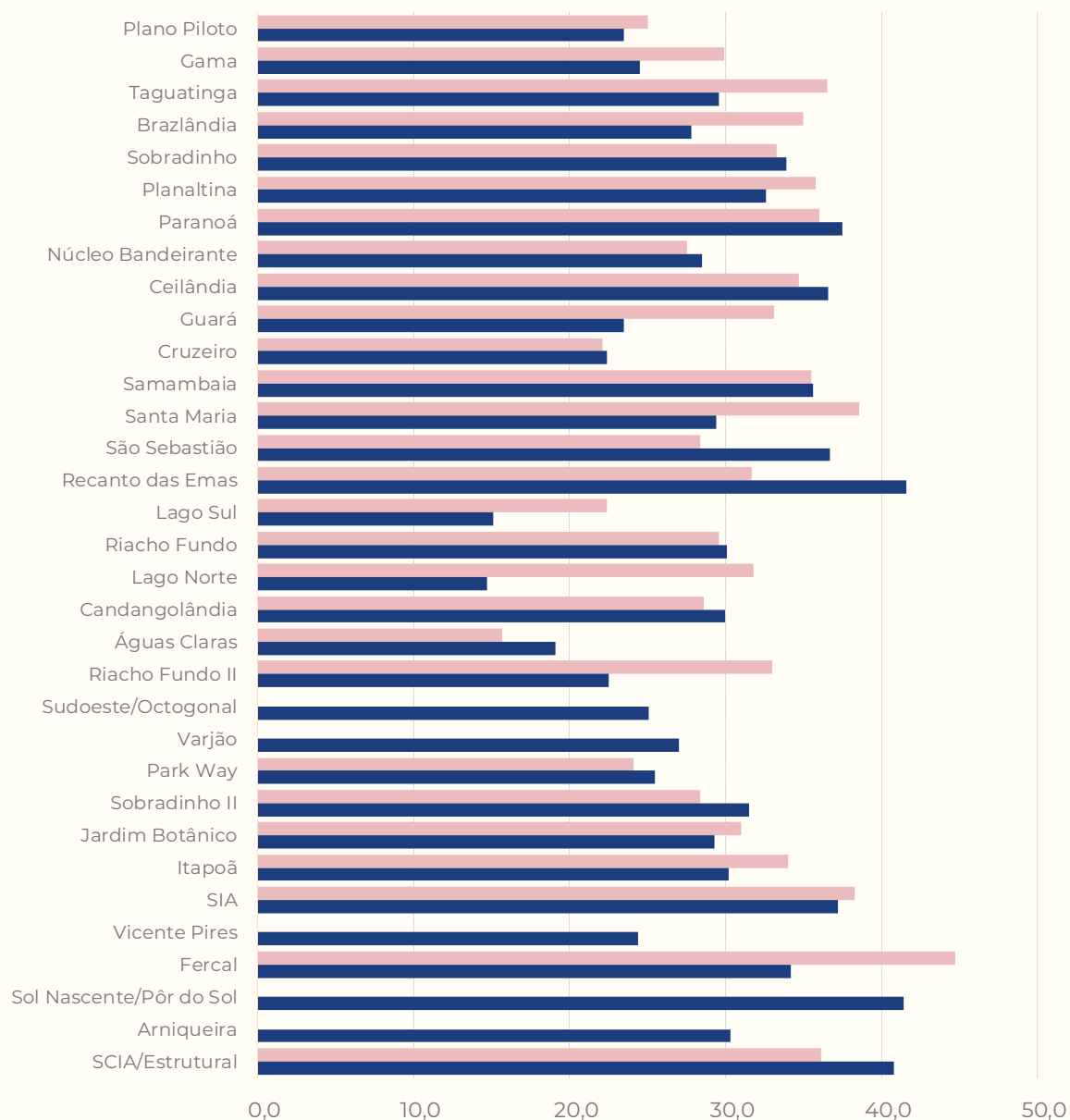
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Os dados sobre emprego e renda no DF revelam o aspecto socioeconômico desta violência. A análise do Rendimento médio domiciliar x População negra no território do Distrito Federal,

em 2021, revela que as regiões têm menor renda domiciliar o quanto maiores são os percentuais de população negra.

Gráfico 4: Pessoas entre 18 e 29 anos que não trabalham nem estudam, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)



Os territórios brancos do Distrito Federal são, também, aqueles onde a maioria da população mora na mesma região em que trabalha. Os territórios negros são aqueles que tem maior população nas classes D e E, com maior número de trabalhadores/as informais e com maiores taxas de desemprego. Apesar desses números terem tido relativa diminuição média em relação a 2018, em algumas regiões de maioria negra eles aumentaram.

Estes dados revelam que a diferenciação racial segue acontecendo no Distrito Federal e Entorno, estruturando os aspectos espaciais locais. Estas diferenciações não são, porém, somente espacializadas. A população negra é, de fato, desfavorecida pelo racismo em regiões de maioria branca; também vive pior situação social que a população branca, mesmo em regiões de maioria negra. O racismo estrutura o território e, também, as relações internas a ele. Os dados da última PDAD demonstram que esta tendência não tem tido qualquer sinal de reversão.

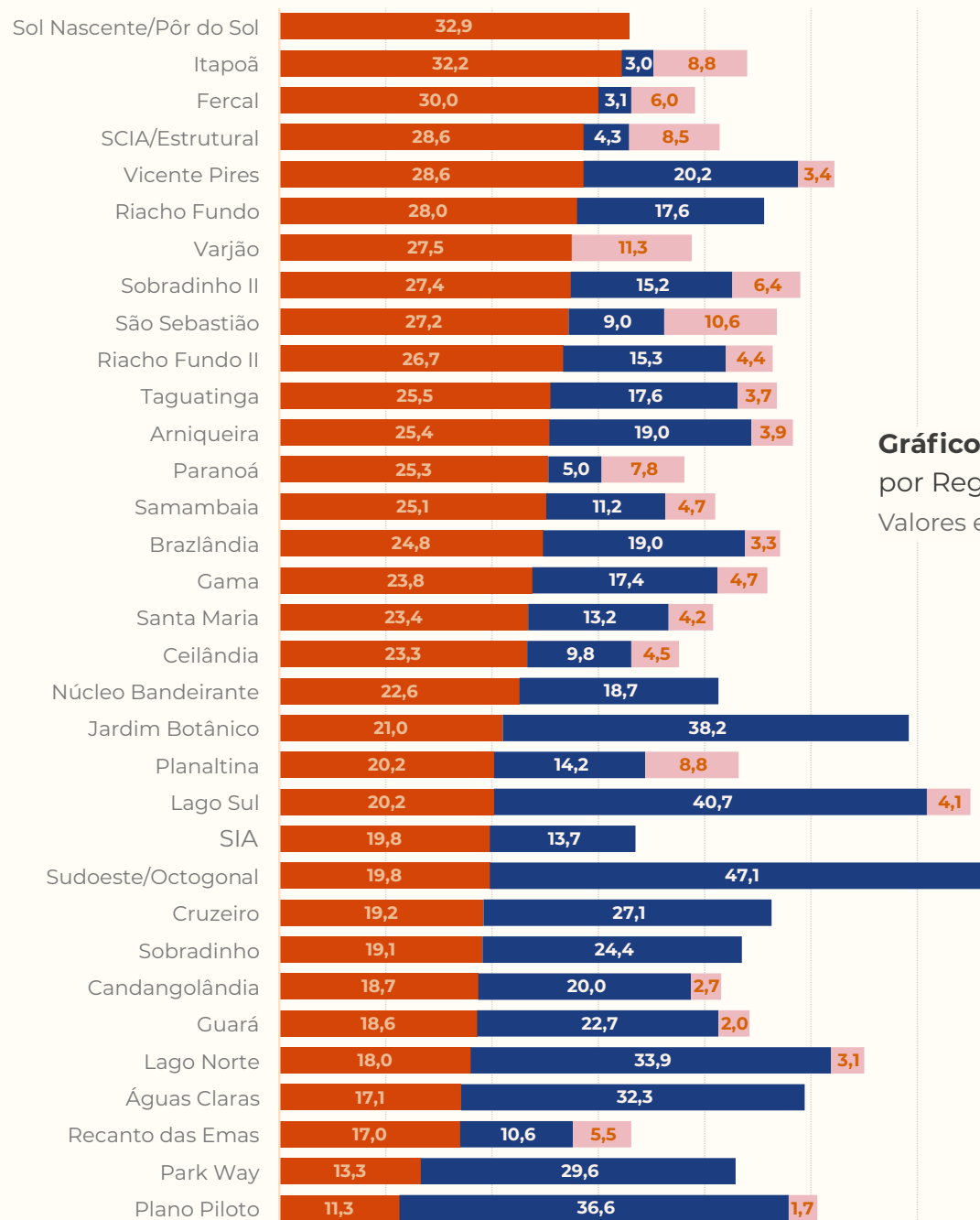


Gráfico 5: Situação ocupacional no trabalho, por Região Administrativa do DF (2021)
Valores em porcentagem (%)

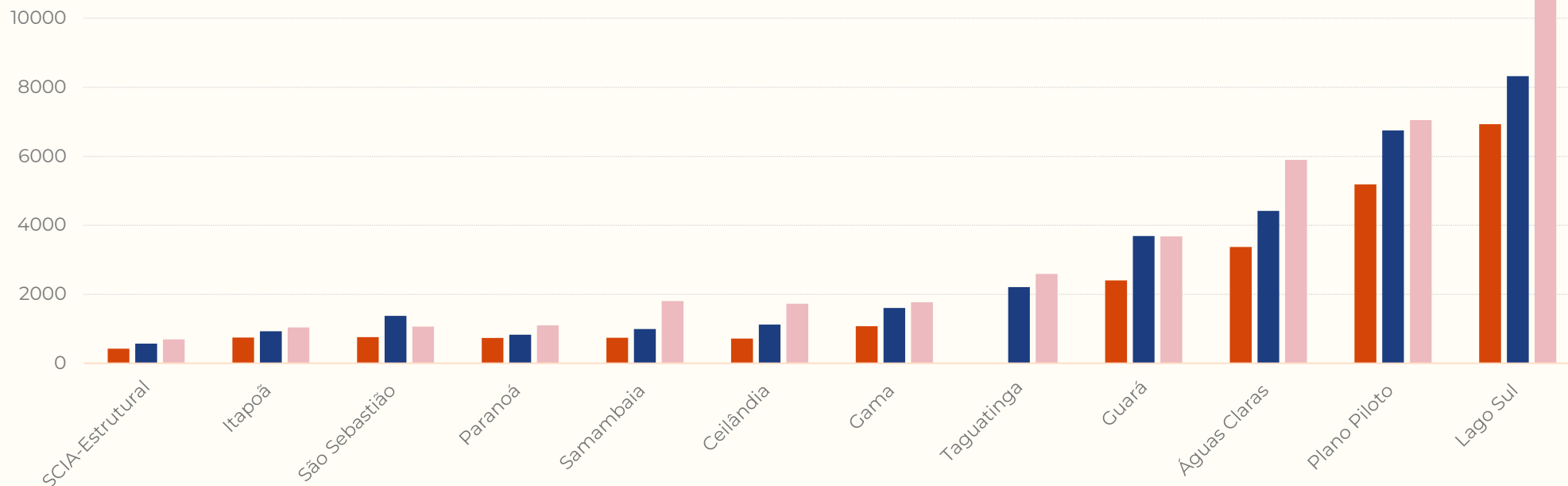
- Conta própria ou autônomo
- Empregado no setor público
- Empregado doméstico

Fonte dos gráficos: PDAD/DF, 2022.
Elaboração própria.

Gráfico 6: Renda domiciliar média per capita, por Região Administrativa do DF (2014, 2018 e 2021)

Valores em reais (R\$)

2014 2018 2021



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

As desigualdades são ainda mais sentidas pelas mulheres, operando de forma interseccional. Por exemplo, a maior parte das famílias monoparentais, cujas mulheres são as responsáveis, também se encontram nas cidades de menor renda e mais negras - como Paranoá, Varjão, Recantos das Emas, São Sebastião, Estrutural. Complementando, de acordo com as pesquisas de emprego e renda, as mulheres negras são a maior parte da população desempregada.

Os dados sobre utilização do trabalho doméstico corroboram o caráter racializado e de gênero das desigualdades no DF. São as regiões mais brancas e abastadas - Park Way, Lago Sul, Lago Norte - que mais contratam serviço de mensalistas e diaristas. Estas são, em maioria, mulheres negras moradoras das regiões mais empobrecidas.

Gráfico 7: Arranjo familiar monoparental feminino, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)

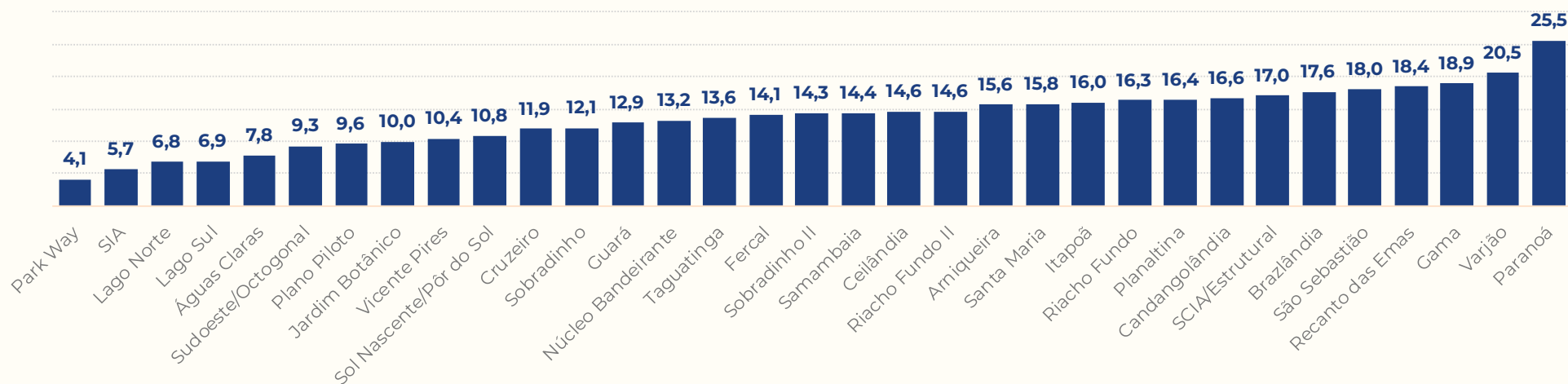
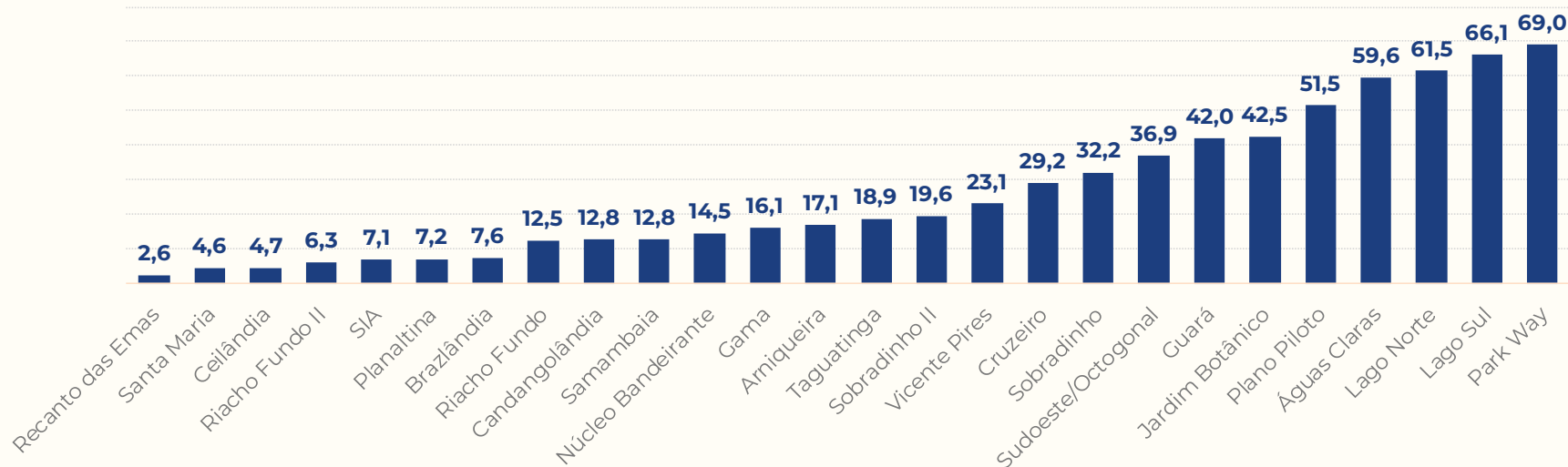


Gráfico 8: Utilização de empregado doméstico no domicílio (diarista ou mensalista), por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)



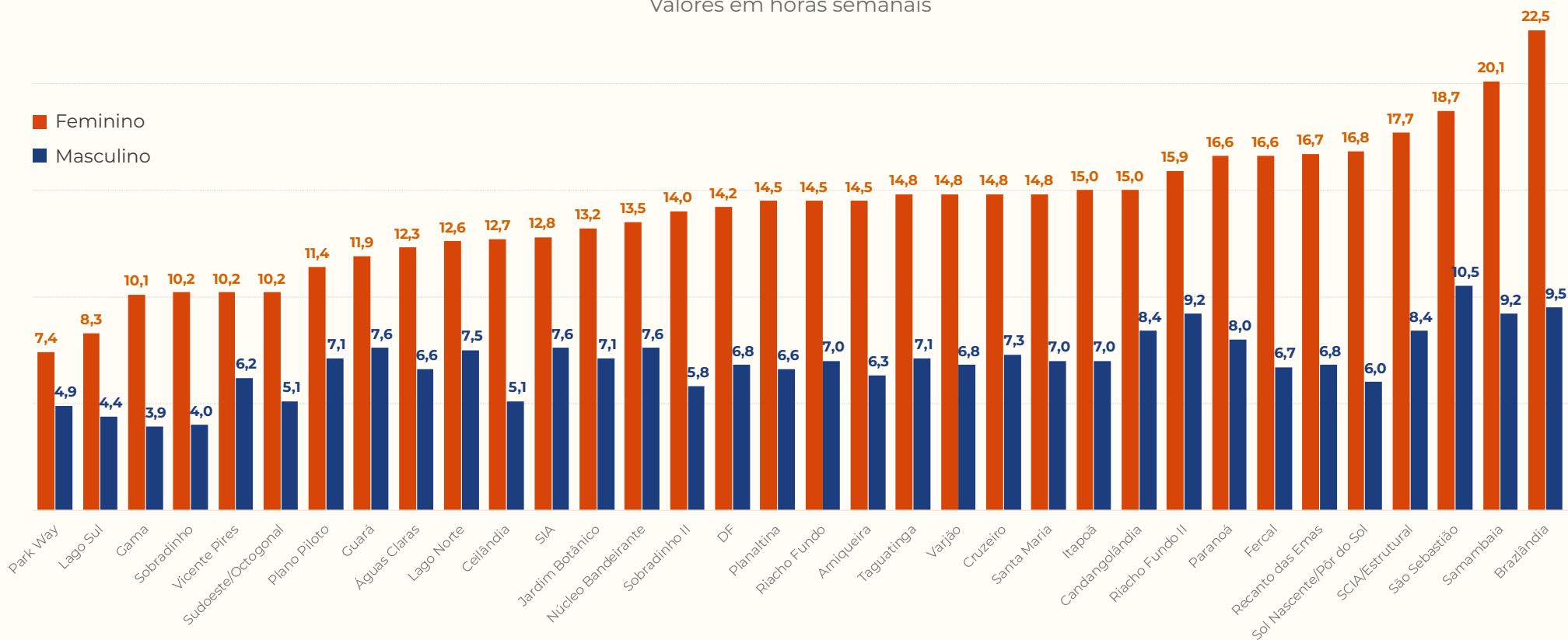
Fonte dos gráficos: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Da mesma forma, observando os dados acerca do tempo dedicado aos afazeres domésticos, as mulheres ganham em todas as regiões. No entanto, nas RAs de menores rendas, o tempo gasto por mulheres é ainda maior. As mulheres que dedicam mais horas com trabalhos domésticos, também trabalham fora,

reduzindo seu tempo para descanso, lazer e convivência com filhos. Trata-se de um círculo vicioso, pois são pessoas que em geral possuem baixa escolaridade, cujos filhos terão dificuldades para concluir os estudos, fazendo com que as desigualdades se perpetuem.

Gráfico 9: Tempo dedicado aos afazeres domésticos, por gênero e Região Administrativa do DF (2021)

Valores em horas semanais



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.



A QUEBRADA QUE QUEREMOS *_RAVENA DO CARMO*

A quebrada que queremos
Sonhamos acordados
Mantendo a comida no prato
e a força aquecida
pra mais um dia

A quebrada que queremos é que a juventude seja a força
motora da esperança
Que nenhum de nós fique pra trás e que em cada possa
ser o que quiser e tenha o direito de iver e existir

A quebrada que queremos
é que seja valorizado nossa
ancestralidade

e que não haja intolerância sobre nenhum tipo de reli-
giosidade

e que todos tenham liberdade

A quebrada que queremos

é a que não passe apenas em jornais policiaiscos

Mas que os nossos talentos sejam destaques mundiais
Medalhas para todes que estão no corre na criatividade

Na subjetividade de existir

A quebrada que queremos

é que os nossos direitos não sejam violados

Queremos poema e não pólvora

Que não falte POESIA NAS QUEBRADAS

Que não falte dignidade

A quebrada que queremos é a que possamos ir e vim
e que possamos acessar

saúde, educação, cultura, esporte A quebrada que
queremos é a quebrada que não precise mais ir pro
plano piloto pra ir no cinema ou no teatro
queremos arte perto do barraco

perto das comunidades atendendo a realidade

A quebrada que queremos as estatísticas são outras
Destaque nas mídias

A favela venceu na correria

Não queremos mais uma mana ou um jovem negro
assassinado ou

presídios lotados

Queremos escolas de qualidade Igualdade, equidade.

Também sabemos a quebrada que não queremos

Não queremos violência do estado, social e sobre nos-
sos corpos

Não queremos a quebrada

Misógina, LGBTFÓBICA, racista, preconceituosa

Queremos o direito de ser de verdade

Queremos o direito à cidade

A quebrada que queremos sonhamos de mãos dadas
porque nosso sonho é coletivo

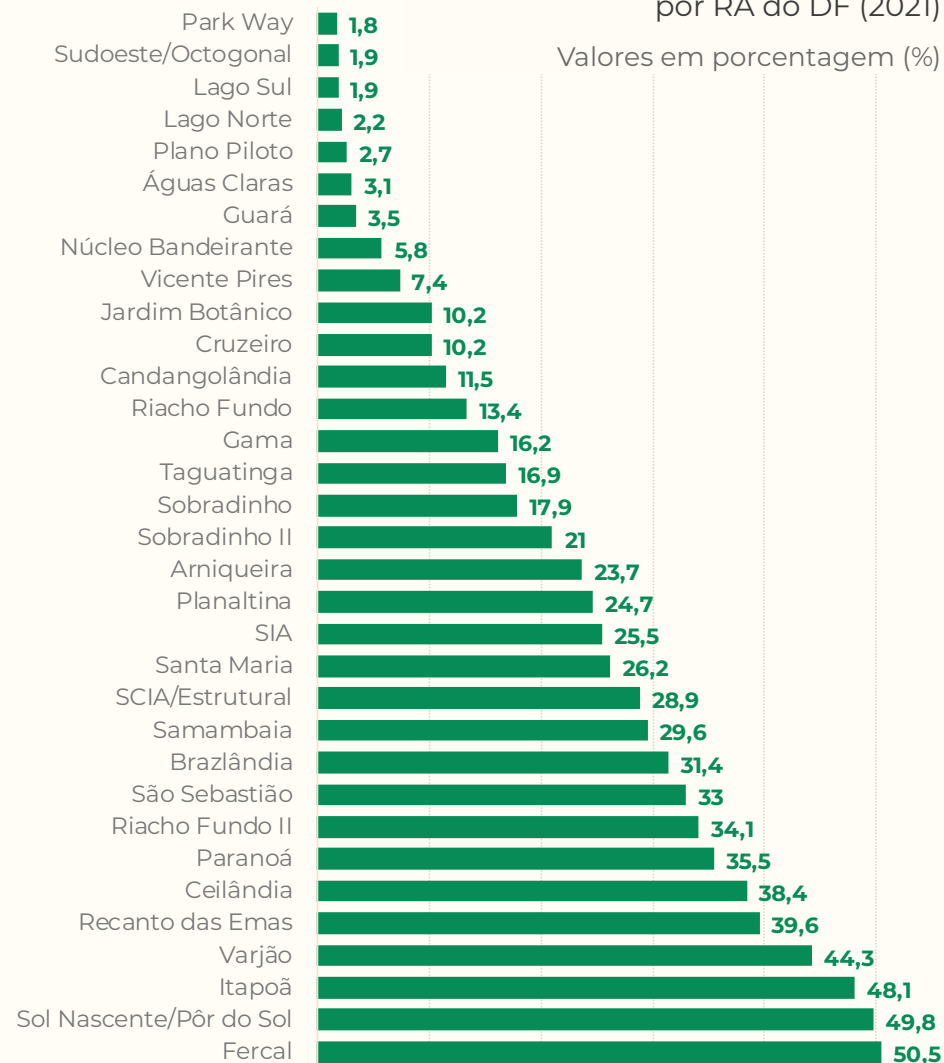
E a realidade periférica é nossa

Os dados de 2021 evidenciam como o acesso a saúde se dá de forma desigual no Distrito Federal e ainda como esta situação se agravou nos últimos anos. Fundamental lembrar que a questão da saúde se tornou especialmente sensível por conta da pandemia de Coronavírus. Aqui, avaliam-se tanto os índices de insegurança alimentar, entendendo o direito à alimentação como pressuposto de uma vida saudável, como também os índices de acesso aos planos de saúde.

Insegurança alimentar

Os dados obtidos em nossa pesquisa mostram que a insegurança alimentar se distribui de forma diferente nas diferentes Regiões Administrativas do DF. De acordo com a Lei 11.346/2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN), a segurança alimentar diz respeito ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, sem prejuízo de outras necessidades essenciais. No caso do DF, chama atenção que mais da metade dos domicílios na Fercal sofrem de insegurança alimentar. Os índices continuam muito altos (na casa dos 40%) no Sol Nascente/Pôr-do-sol, no Itapoã, e no Varjão. Em cidades como Recanto das Emas, Ceilândia, Paranoá, Riacho Fundo II e Brazlândia, o índice está na casa dos 30%. Aqui, chama especial atenção a situação de Brazlândia, região conhecida como produtora de alimentos no DF, mas que possui alarmantes 31,3% dos domicílios padecendo de insegurança alimentar. Na outra ponta das desigualdades do DF, estão Guarará, Plano Piloto, Lago Norte, Lago Sul, Sudoeste/Octogonal e Park Way, com índices abaixo de 2,5%.

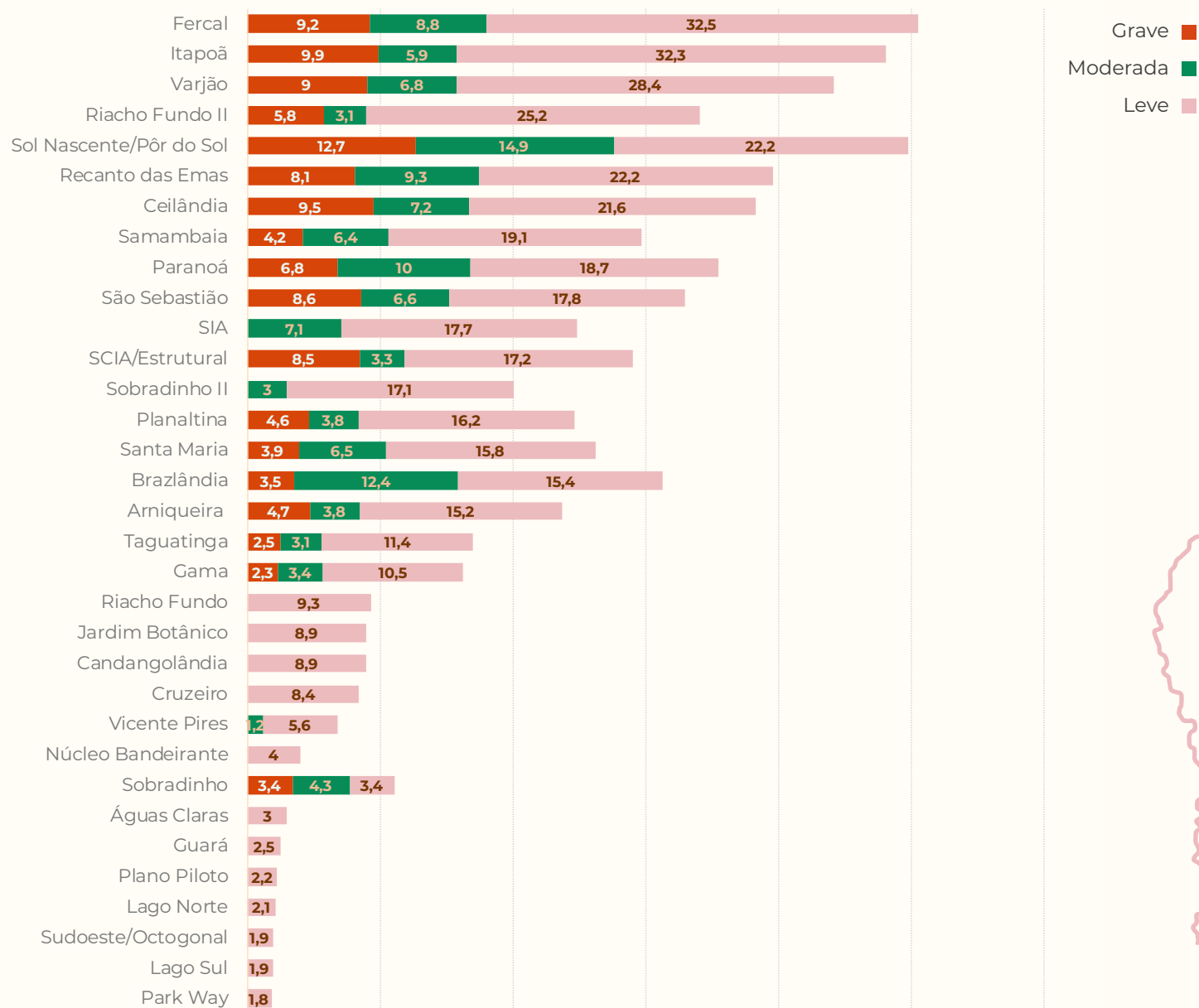
Gráfico 10: Domicílios onde há população em situação de insegurança alimentar nos últimos 3 meses, por RA do DF (2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 11: Distribuição dos domicílios por situação de segurança alimentar nos últimos 3 meses (2021)

Valores em porcentagem (%)



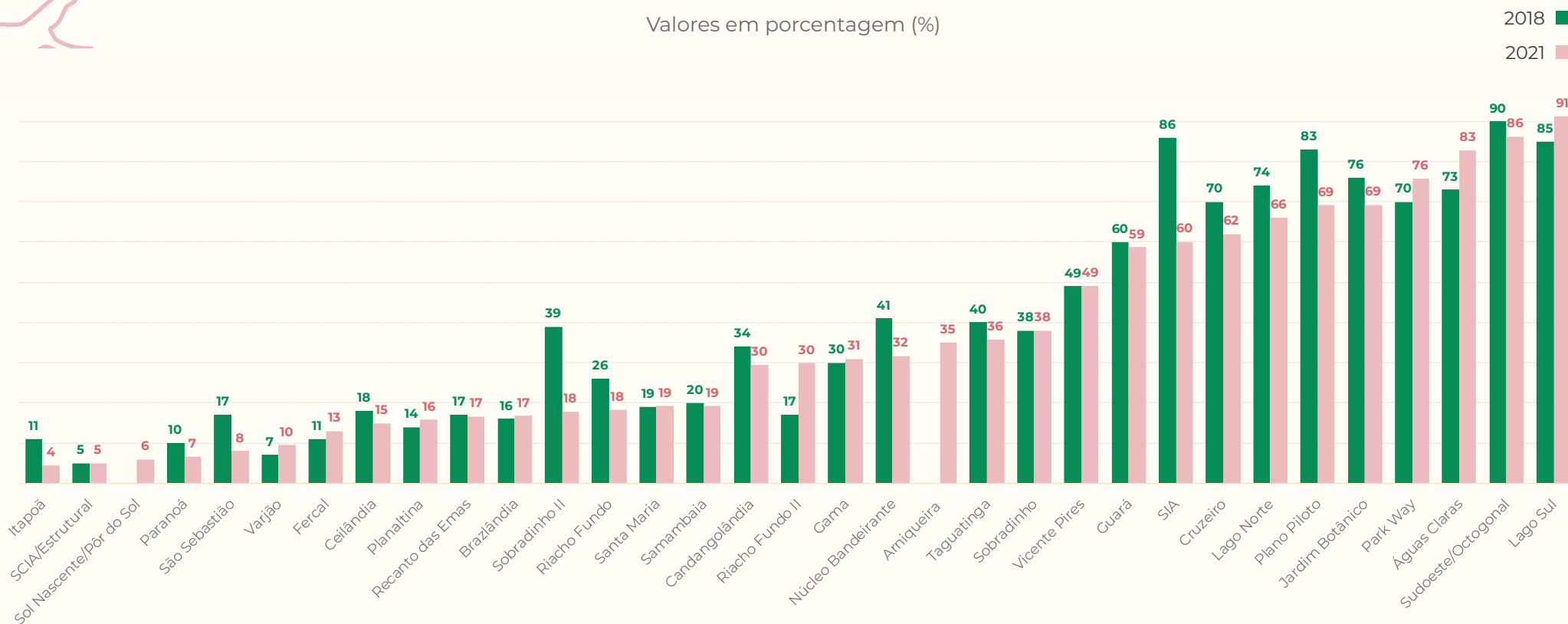
Plano de saúde

Em boa parte das Regiões Administrativas houve tendência de queda na população que possui plano de saúde entre 2018 e 2021. A queda foi especialmente sentida no Itapoã, Sobradinho II e SIA. O acesso a plano de saúde cresceu no Lago Sul (em 2021, 91% da população possui plano de saúde na região), Águas Cla-

ras e Park Way. A desigualdade aqui toma outras proporções se levarmos em conta que, entre 2020 e 2022, vivemos a pandemia da Covid-19, quando o acesso a hospitais foi especialmente importante e pode ter significado de forma ainda mais pungente a diferença entre a vida e a morte.

Gráfico 12: População que possui plano de saúde, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.





POEMA CIDADE DOS SONHOS *_BRUNA RODRIGUES*

Não sei escrever poema
Mas para esse tema
Proponho
A cidade que sonho
É uma cidade
Que exista felicidade
Mas uma que seja de verdade
Onde o dinheiro não seja prioridade
Onde um adolescente
Não veja na sua frente
Alguém morrer
Isso foi duro saber...
Na cidade que sonho ter
Uma criança deve viver
Com segurança
E nunca perde a esperança
Precisa ter certeza
Que a fome e a tristeza
Não haverá no cotidiano

Que terá Natal todo ano
Que a educação
Seja para toda a nação
Isso é fundamental
Ela é o início de tudo afinal
Estou cansada de sofrer
A desigualdade
E não ter para onde correr
É nossa triste realidade
Crescer nas periferias
E ter que escutar baixarias
Eles pensam que vamos roubar
Mas só queremos lutar
Para nos expressar
E não só aceitar
O que dizem que não podemos mudar
Ser negro e indígena é militar
E sempre acreditar
A cidade dos sonhos acontecerá



Saneamento Básico

Esgoto Tratado

Durante a pandemia, por meio da Agenda 10, denunciá- mos que em algumas regiões como Fercal e Estrutural havia carência de saneamento básico. Os dados atuais do Mapa das Desigualdades reforçam isso. Percebemos que as desigualdades sociais permanecem atuando espacial- mente, com Regiões Administrativas de maioria branca tendo atendimento pleno do serviço de saneamento e RAs de maioria negra tendo atendimento parcial e muito pre-

cário deste serviço. Na Fercal, por exemplo, apenas 20% de moradias possuem esgoto tratado, enquanto Plano Piloto, Sudoeste possuem 100% de residências com esgoto tra- tado. E como podemos perceber, nada mudou na Fercal entre 2018 e 2021. Em São Sebastião e Paranoá houve re- trocesso, possivelmente porque a expansão urbana não foi acompanhada de políticas públicas de saneamento.

Gráfico 13: Esgotamento sanitário do domicílio pela Rede Geral da CAESB, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)

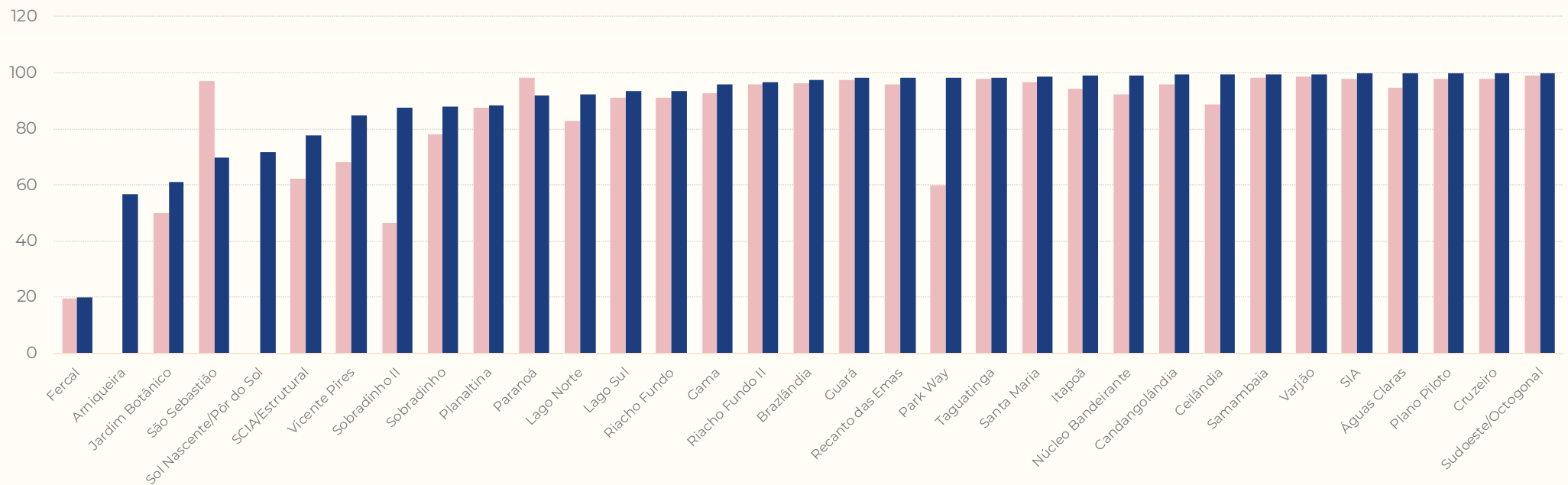


Gráfico 14: Quantidade de domicílios cujos moradores afirmaram despejar esgoto a céu aberto, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)



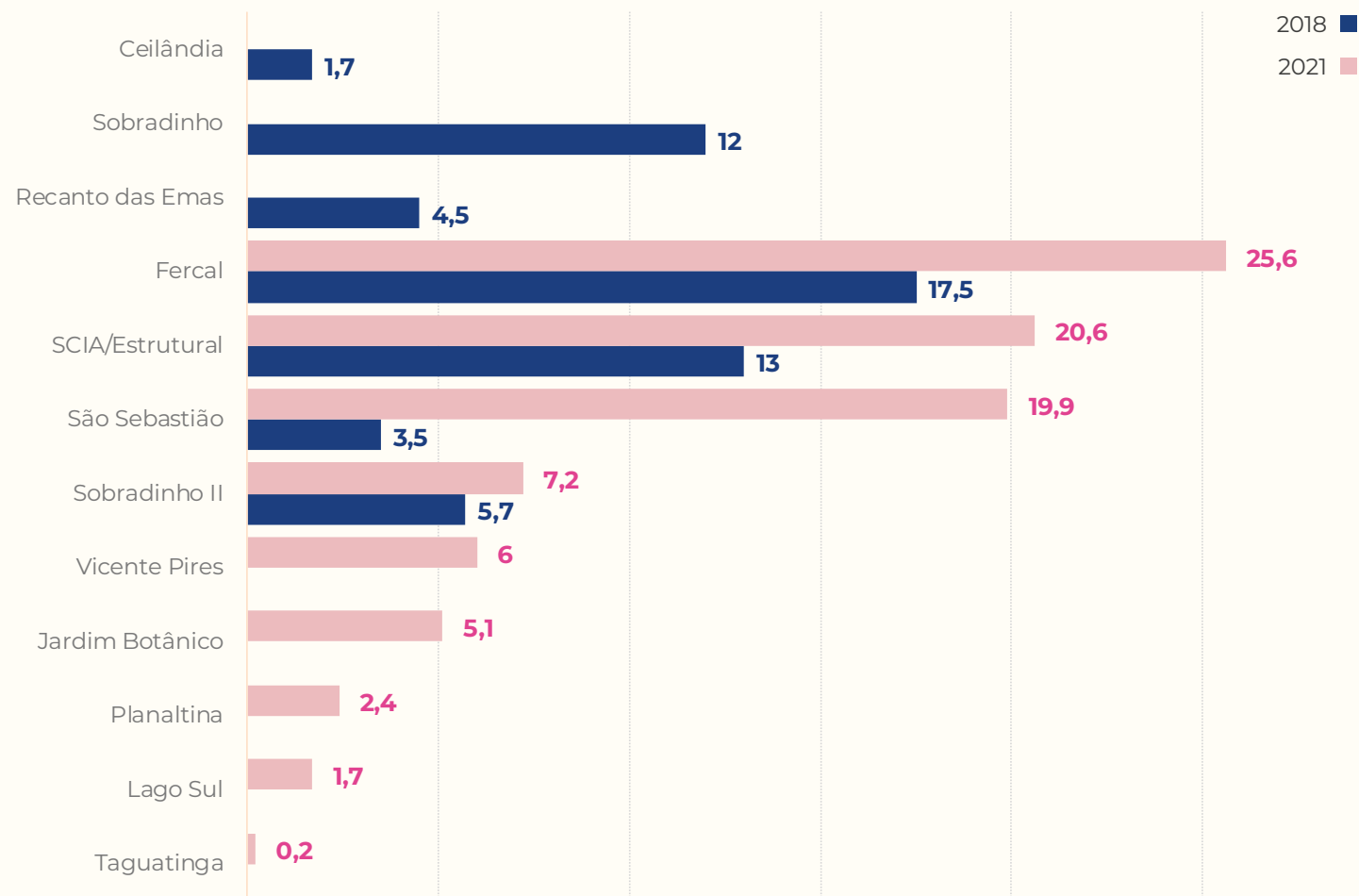
As regiões mais pobres e negras são aquelas com precariedade no atendimento de saneamento. A Fercal lidera este trágico dado, com 31,8% domicílios tendo de despejar esgoto a céu aberto por não terem cobertura da CAESB. Algumas regiões, por meio de organização comunitária e reivindicações, conseguiram reduzir estes indicadores nos últimos anos. A Estrutural, por exemplo, reduziu a área descoberta do serviço de saneamento de 25% para 6%.

Os dados sobre uso de fossa rudimentar indicam que parte do problema de saneamento da Estrutural não foi resolvido com política pública, mas sim com autoconstruções feitas pela própria população. Observa-se que o número de pessoas que afirmam ter fossa rudimentar em casa aumentou de 13% para 20% entre 2018 e 2021. O mesmo movimento ocorreu na Fercal e em São Sebastião, onde o Estado está ausente.

Fonte dos gráficos: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 15: Esgotamento sanitário do domicílio com fossa rudimentar, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)



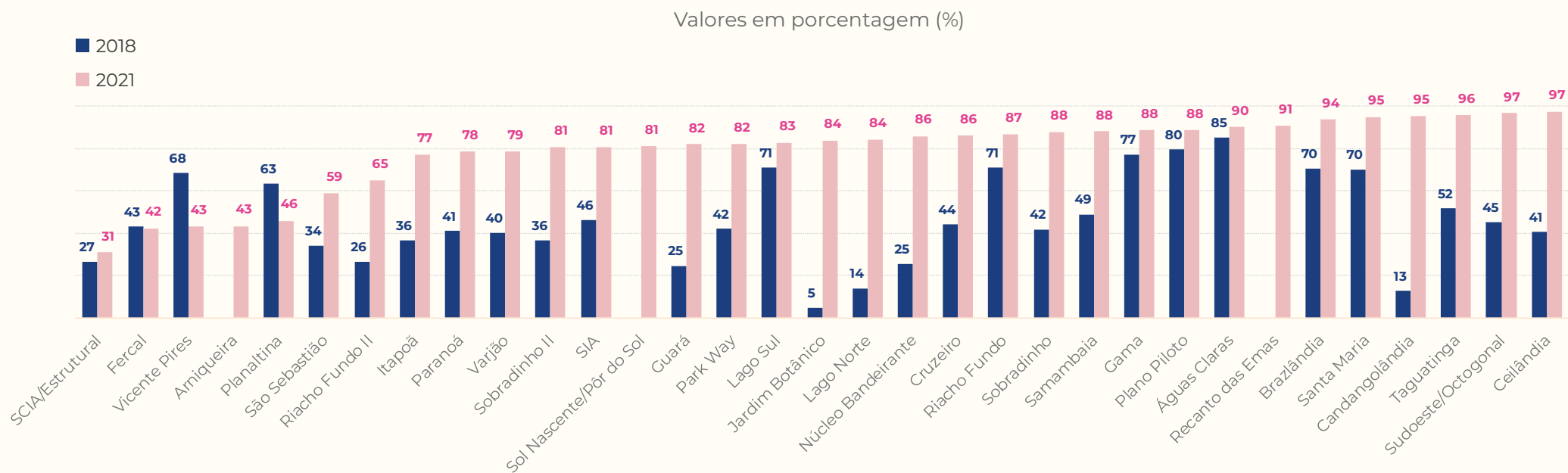
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Resíduos Sólidos

Curiosamente, a cidade onde se concentra o maior número de Cooperativas de Catadores é onde há menos coleta seletiva oferecida pelo GDF. Na Estrutural apenas 30% dos domicílios têm coleta seletiva. Mesmo que essa política tenha ampliado bastante entre 2018 e 2021, nessa cidade o número de domicílios atendidos ficou praticamente igual e na Fercal houve uma leve queda. A coleta seletiva também reduziu sua amplitude em Vicente Pires e Planaltina, comprometendo indicadores de desigualdade.

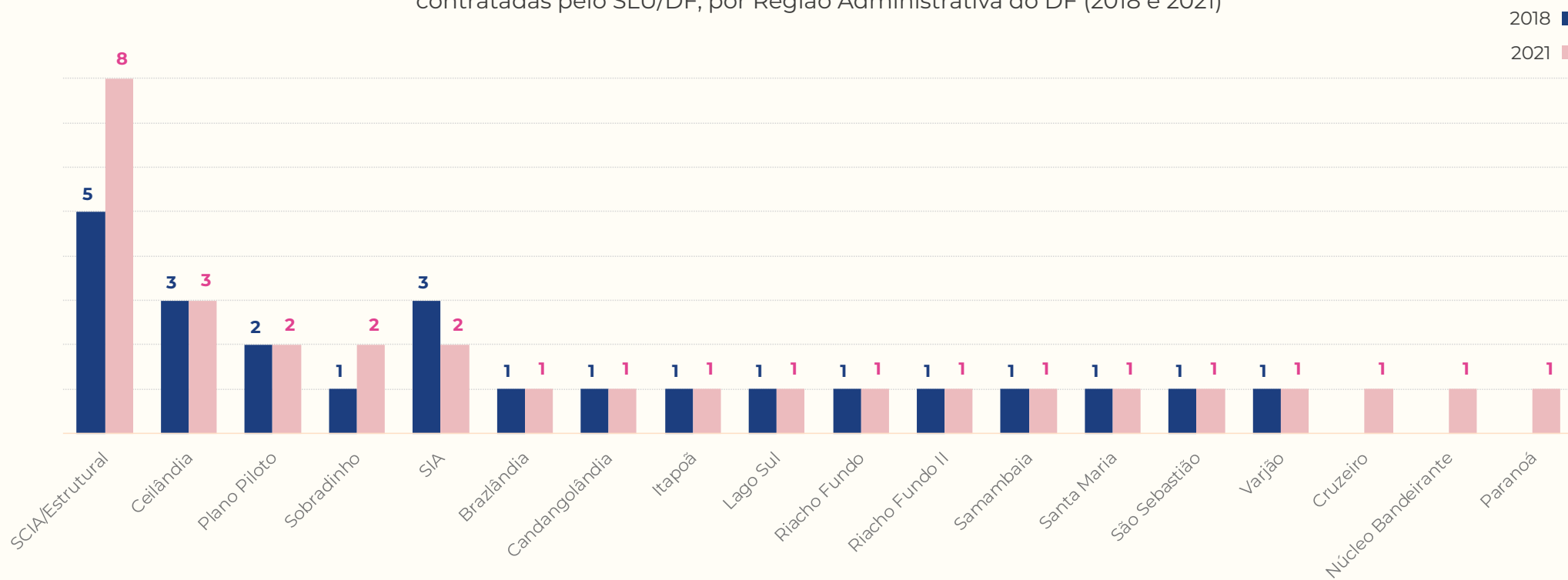
Conforme já informado, a Estrutural é a Região Administrativa com maior número de cooperativas de catadores, tendo inclusive ampliado o número total entre 2018 e 2021. Ressaltamos o surgimento de cooperativas de catadores em regiões onde antes não havia - Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, Paranoá. É um crescimento tímido, mas que merece ser observado nas próximas séries históricas.

Gráfico 16: Domicílios atendidos pela coleta seletiva, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 17: Número total de cooperativas/associações de catadoras(es) de materiais recicláveis contratadas pelo SLU/DF, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

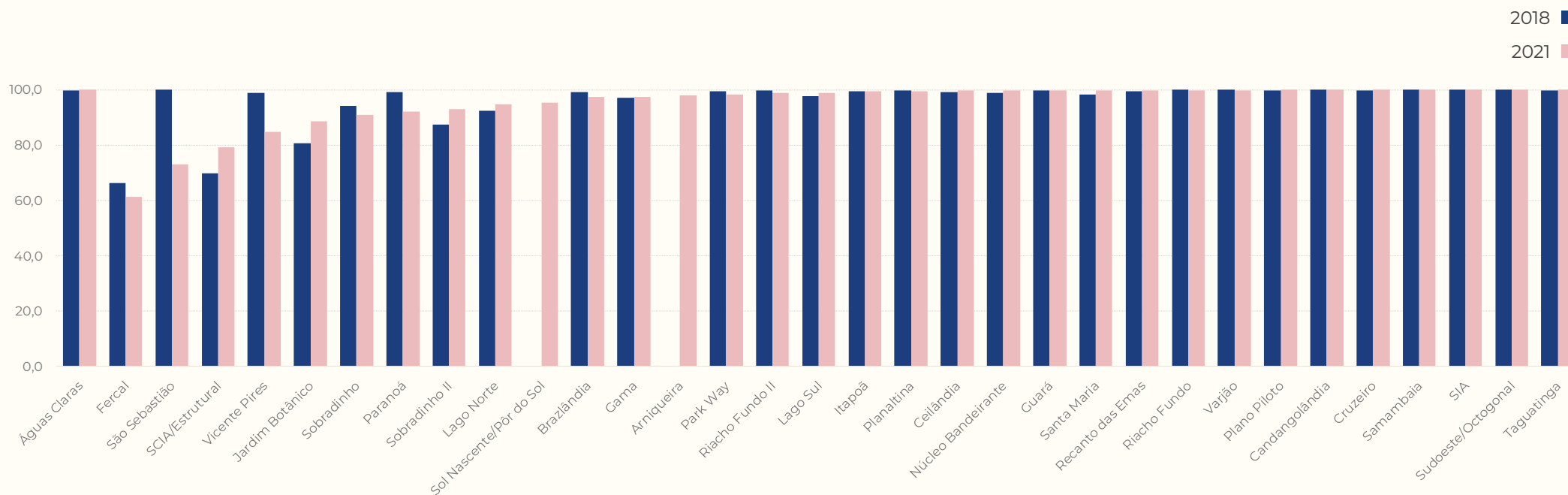
Água

O fornecimento de água potável é uma das partes que compõem a política de saneamento básico, junto com esgoto e resíduos sólidos. O padrão de desigualdades se repete: as regiões negras e de mais baixa renda concentram a população com menos acesso à água. A Fercal, São Sebastião e Estrutural têm abastecimento de água abaixo de 80%. Na Estrutural destaca-

mos a região da chácara Santa Luzia, onde moradores acessam água em um chafariz, carregando latas d'água. Então, essas também são as regiões onde há menos coleta de resíduos, mais esgoto a céu aberto e menos oferta de água tratada nas residências.

Gráfico 18: Abastecimento de água no domicílio pela Rede Geral da CAESB, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

EU POSSO SONHAR? _ *ANDREY NASCIMENTO*

As vezes paro e penso: como é sonhar? morar na periferia, trabalhar no centro, estudar em outra cidade, acordar às 5h da manhã e chegar às 23h da noite, essa é minha realidade, nem tempo tenho pra sonhar! Uma cidade do bem, sem morte, sem racismo, sem homofobia, sem agressão policial. Onde posso sair sem medo de não voltar, cidade dos sonhos será que pode se realizar? Ou será que é apenas pra sonhar? Brincar, correr, beijar meu namorado sem medo de ser julgado, andar com meu cabelo black sem medo do mal falado, sair com meus amigos para um espaço cultural para ver artistas locais, isso é uma cidade dos sonhos.

Escola pra estudar

Hospital para recuperar

Segurança para ajudar

Transporte para transportar

Igreja para orar

Terreiro para se curar

cada um no seu lugar sem ninguém se atrapalhar

Uma cidade dos sonhos onde todos podem se amar, onde todos podem cantar, dançar e gritar, sem medo de se expressar.

Uma cidade dos sonhos em que todos podem ir e vir sem medo de morrer por ser quem são, por andar como andam, por se vestir como se vestem, por acreditar em quem acreditam, por amar quem ama.

Simplemente, unicamente, meramente somente cidades dos sonhos não apenas para sonhar, mas para realizar. Coloco minha guia de oxalá me ajoelho no congara e peço pra olorum que esse sonho possa se realizar.

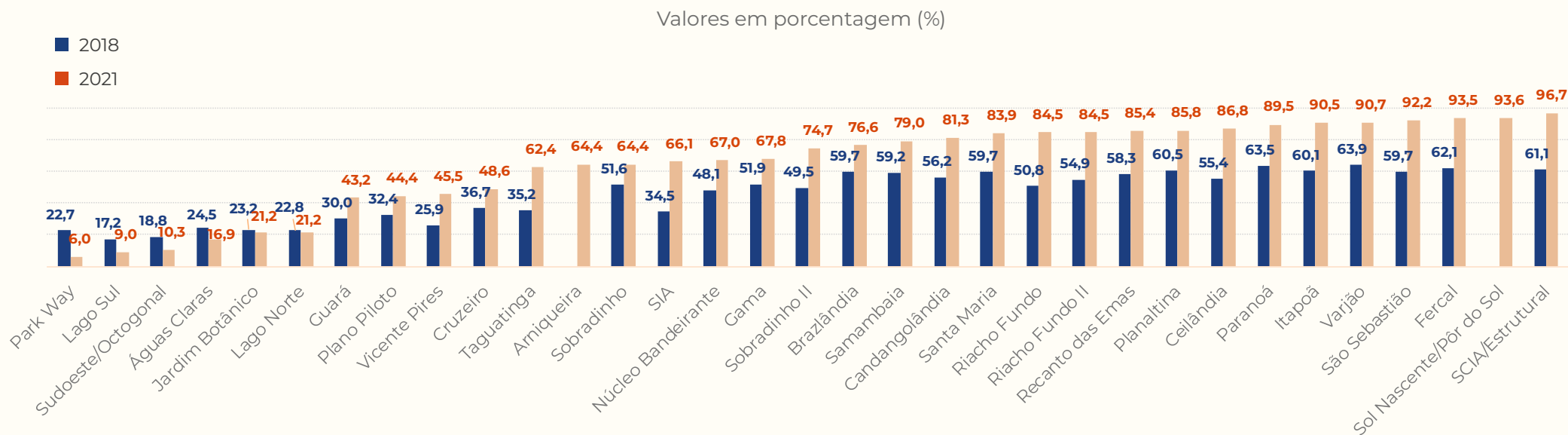


Educação

As desigualdades são reais na oferta de todas as políticas públicas. No caso da educação, percebe-se que as crianças e adolescentes de RAs negras de baixa renda frequentam em maior número as escolas públicas. No entanto, o perverso é que o maior número de vagas não está nessas regiões, mas sim no Plano Piloto, conforme verificamos nos gráficos abaixo. Enquanto na Estrutural 96,7% dos es-

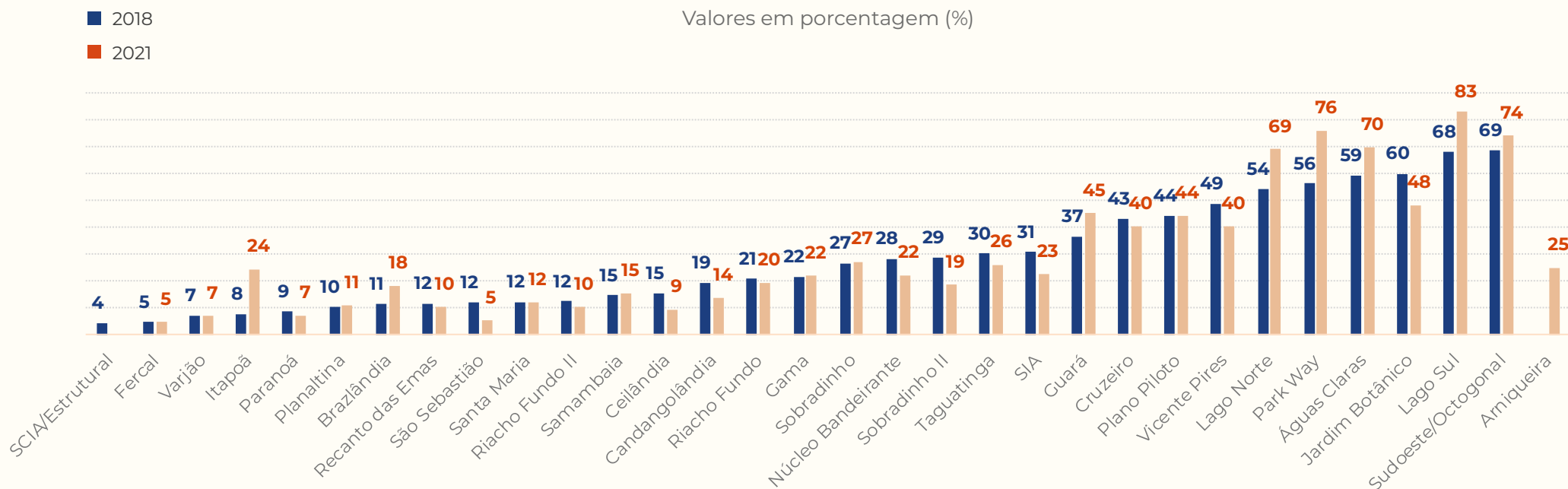
tudantes são matriculados nas escolas públicas, no Plano Piloto esse número cai para 44,4%. No caso das escolas privadas, o gráfico se inverte, ou seja, na Estrutural não há estudantes em escolas privadas e no Plano Piloto outros 44,3%, Lago Sul 83% estão em instituições privadas.

Gráfico 19: Frequência escolar em instituição pública da população entre 4 e 24 anos, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 20: Frequência escolar em instituição privada da população entre 4 e 24 anos, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)



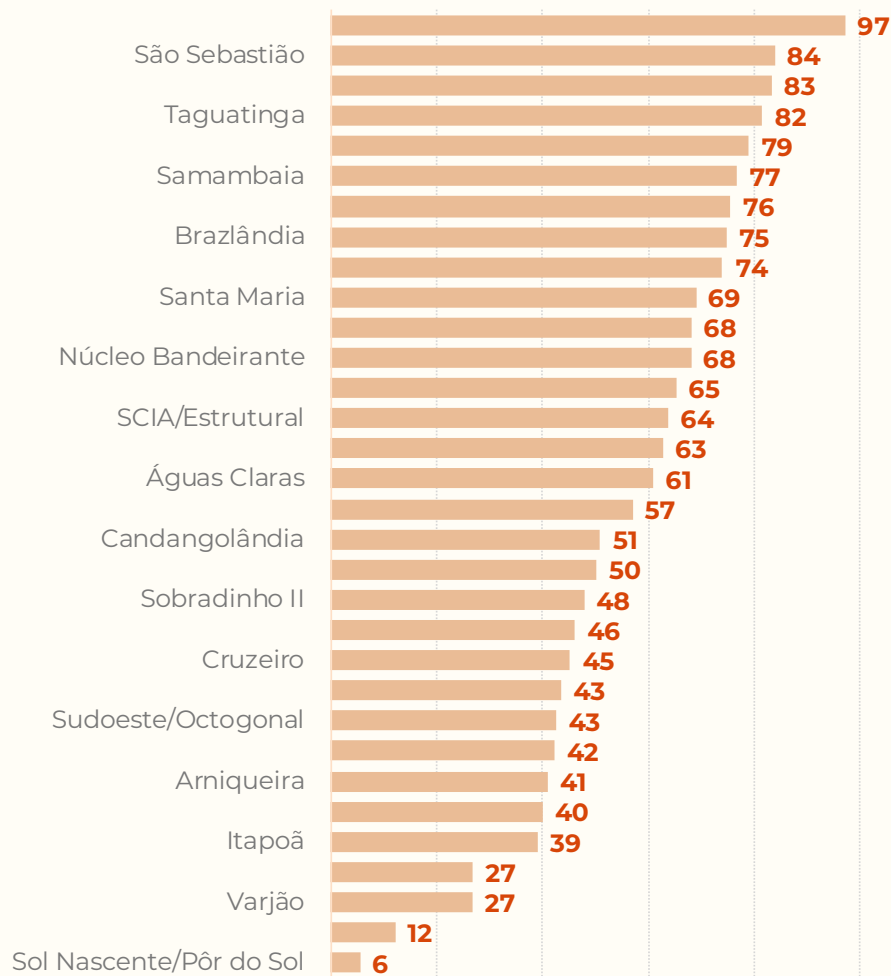
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Mesmo que haja mais estudantes em escolas públicas nas regiões negras e de baixa renda, as escolas se concentram no Plano Piloto, onde 97% dos alunos estudam onde moram. Já na Estrutural esse número cai para 63% e no Sol Nascente/Pôr do

Sol apenas 5% frequentam escolas onde moram. Estes dados evidenciam que é nesse centro histórico de Brasília que se concentram os equipamentos públicos, na contramão das necessidades, ampliando desigualdades.

Gráfico 23: População de estudantes que frequenta a escola na região onde mora, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)



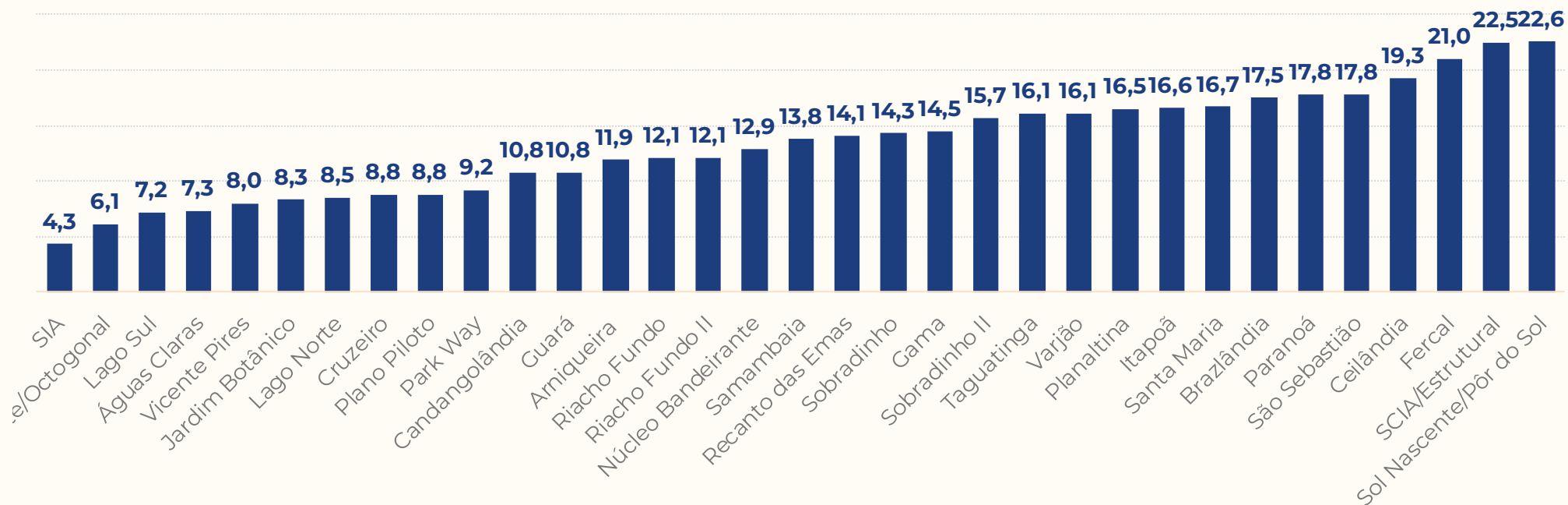
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Os dados da última PDAD foram recolhidos em 2021, quando os estudantes ainda estavam em educação remota. Logo, o gráfico sobre acesso à internet “nos últimos 3 meses” refere-se àquele ano, com situações específicas, sui generis. Ainda que houvesse denúncias sobre a falta de oferta de internet e equipamentos para a população mais pobre, não houve ações efetivas de combate a esta situação.

Por exemplo, observamos que no Sol Nascente/Pôr do Sol, Estrutural, Fercal, cerca de um quarto do total de estudantes não teve acesso regular à internet. Isso significa que, em regime de ensino remoto, não tiveram acesso às aulas. As desigualdades se ampliaram durante a pandemia de Covid-19: as cidades onde estudantes tiveram menos acesso à internet também são cidades com menores índices de escolarização. Os efeitos da desigualdade no acesso à internet durante a pandemia serão sentidos ainda por muito tempo, o que aumenta a emergência de políticas públicas e atuação concentrada de enfrentamento às desigualdades.

Gráfico 24: População que não teve acesso à internet nos últimos 3 meses, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Em educação, desigualdade significa menos escolaridade, precarização do trabalho e da renda. Vejamos o gráfico que demonstra a escolarização da população do DF. Na Estrutural, o número de pessoas com ensino superior não chega a 5% do to-

tal da população local. No Lago Sul, esse dado é praticamente universal, com 87% da população possuindo ensino superior. No Plano Piloto esse número é da ordem de 75,7%.

oSERANO *_LUCAS DANIEL*

Em volume bem alto, é possível ouvir as ondas do rádio ecoando pela casa um som:

CAI NA ÁGUA, GIRIBITA!

Ambrósio escuta os passos, as portas abrindo, as torneiras ligando e a queda d'água do chuveiro, paralelas ao rádio tocando Gabriel O Pensador. Ambrósio abriu os olhos enquanto o refrão ressoava:

Maresia,
sente a maresia,
Maresia
uh-uh

Seu pai e sua mãe já estavam arrumados com as roupas de seus respectivos trabalhos, preparavam o café-da-manhã para Ambrósio e seus irmãos que se arrumavam para escola. Saindo de casa, Ambrósio e sua família se juntam a outras pessoas na caminhada que leva até a parada de ônibus.

Ainda não se via o sol, mas o céu também não estava tão escuro como quando chegava ao cair da noite. A caminhada acabava quando chegavam no acúmulo de pessoas com os olhares virados para o sentido oposto da rua. Ambrósio ainda não sabia ler, mas sabia exatamente a cor do ônibus que deveria pegar,

sabia quais pessoas levantavam a mão para dar sinal e até o horário que o baú passava, que era exatamente quando a luz do sol atravessava os prédios da avenida e iluminava os rostos das pessoas na parada.

Ambrósio se juntava ao rio de gente que se afunilava para desaguar no mar de pessoas que estavam dentro do ônibus. Andando a passos curtos e se esgueirando entre os corpos até chegar nela: A CATRACA!!! Mas diferente da maioria das pessoas que forçam a roda de ferro para ultrapassá-la, as instruções de Ambrósio era passar por baixo dela, mas com muito cuidado para não relar no chão do ônibus para não sujar o uniforme da escola - o que ele executou sem sucesso. O menino não ligou para a camisa suja, porque seu próximo desafio era encarar um longo corredor de bundas e calças jeans, passando até encontrar um vão entre aquela gente que permitisse espaço suficiente para se segurar nos ferros frios e respirar pela viagem.

As diversões de Ambrósio ali dentro eram as curvas mais insistentes, os quebra-molas e olhar a paisagem pela janela, esperando a sorte de alguém liberar um lugar para ficar mais próximo da vista, e se fosse o banco alto era ainda melhor! Na

viagem, o menino refletia sobre o calor dentro do veículo, que contrastava com o clima antes de subirem no ônibus e com as rajadas de vento que vinha das janelas abertas para abafar o mormaço. Mas a parte favorita de Ambrósio era quando estava próximo da sua parada de descida e se esforçava para ser o primeiro a apertar o botão que aciona a campainha indicando pro motora parar na próxima. O menino era campeão em apertar o botão mais rápido que qualquer passageiro, exceto quando o botão não funcionava - o que não era incomum.

No portão da escola, os caminhos se dividem. Seu pai vai para o comércio, sua mãe para os prédios e Ambrósio para escola. Em sua sala, ele observou o rosto de várias crianças, a maioria não parecia nada com os amigos da sua rua e talvez a única similaridade que tinham com ele era a camiseta, mas na deles não havia marcas de sujeira, o que o fez Ambrósio pensar que eles eram muito bons em passar debaixo da catraca.

Outra coisa que chamava atenção, era que algumas das outras crianças ostentavam os tênis mais brancos que Ambrósio tivera visto na vida. Onde já se viu? Os pais de Ambrósio jamais dariam um tênis dessa cor para ele. Imagina nos tempos de chuva passar com um tênis desses até o caminho pra parada?

As únicas roupas brancas que Ambrósio ousava ter só eram usadas em ocasiões muito específicas e especiais ou nas missas de domingo. Só que Ambrósio logo descobriu que as diferenças dele e aquelas pessoas eram bem mais distantes que um par de calçados.

Logo na apresentação de nomes de cada criança da turma, apenas o seu causou uma onda de risadas. Ele não entendeu a graça. Seu nome era o mesmo de seu avô, que andava a cavalo pelas matas do Goiás atrás de qualquer perigo que rodeasse a área. Ele era o mais próximo de um super-herói que ele conhecia. E não ficou só por isso, as marcas de sujeira em sua roupa passaram a identificar quem ele era e de onde ele vinha. Não demorou muito para Ambrósio entender que ele não era bem acolhido ali, pelo menos não vindo de onde ele veio ou de onde mora ou de quem ele é. O que demorou mesmo foi Ambrósio entender que ele estava onde deveria, não porque deveria ser como aquelas outras crianças, mas que ele é parte da resistência que reivindica o que também era dele, de seus pais, de seu avô-herói, de seus amigos da rua e dos mares de gente que dividiam o mesmo espaço sob rodas que ele todas as manhãs.”



Foto: Victor Queiroz

MOBILIDADE NO FUTURO *_DUDUMANO*

Hora do rush no DF, realidade da capital
Congestionamento, perda de tempo e frustração
Transporte público quebrado muito caro e superlotação

Cidades com mais carros do que árvores mais barulho e poluição
pensando dentro do vagão, qual solução?

2122 carros voadores sistema de tráfego baseado no deslocamento de Formiga ou uma volta ao redor do planeta em um foguete.
Mobilidade do Futuro em uma cidade inteligente

o que temos hoje em dia superfaturamento nas empresas de transporte e quem sempre perde? a gente!

Eu corro, tu corre, nós corremos atrás do busão.

- Poxa esse era o último!

- Ah, pede um Uber
- Não dá, tô sem condição

Que tal bicicletas elétricas até a próxima Estação, é difícil para o passeio trabalho e outras atividades!
Onde fica a inclusão?

Alta concentração de veículos nas ruas aumenta a poluição

engarrafamentos problemas de saúde qualidade do ar
cof cof , Respiração×

investir mobilidade urbana sustentável no Brasil é pensar no futuro
e ter um plano de ação para que atenda às necessidades da população



Mobilidade Urbana

A circulação, acesso e possibilidades de interação com o conjunto da cidade ocorrem de formas distintas no Distrito Federal, em desfavor das Regiões administrativas mais pobres e negras. Estas desigualdades espaciais na mobilidade urbana podem ser analisadas com base em indicadores diversos sobre infraestrutura, formas de circulação e capacidade de deslocamento.

Em Sol Nascente/Pôr do Sol, Paranoá, São Sebastião, Riacho Fundo, Ceilândia, Recanto das Emas, mais da metade da população utiliza o transporte coletivo como meio de transporte para ir ao trabalho. Por outro lado, no Plano Piloto, Guará, Jardim Botânico, SIA, Águas Claras, Lago Norte, Sudoeste/Octogonal, Park Way, menos de 20% da população utiliza o transporte coletivo ao trabalho e mais de 70% utiliza o carro como meio de transporte. O Lago Sul é o caso mais emblemático: lá 97,6% da população utiliza o carro como meio de transporte. Estas diferenças se mantêm, simultaneamente, na cobertura por ciclovias, posse de carteira nacional de habilitação, travessias sinalizadas para pedestres e iluminação, com desigualdades mantendo esta semelhança de serem precárias para as Regiões Administrativas negras periféricas e abundantes para as áreas brancas da cidade.

Gráfico 25: Principal meio de transporte para ir à escola/curso, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)

- A pé
- Automóvel
- Ônibus
- Metrô
- Transporte escolar público
- Transporte escolar privado

Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

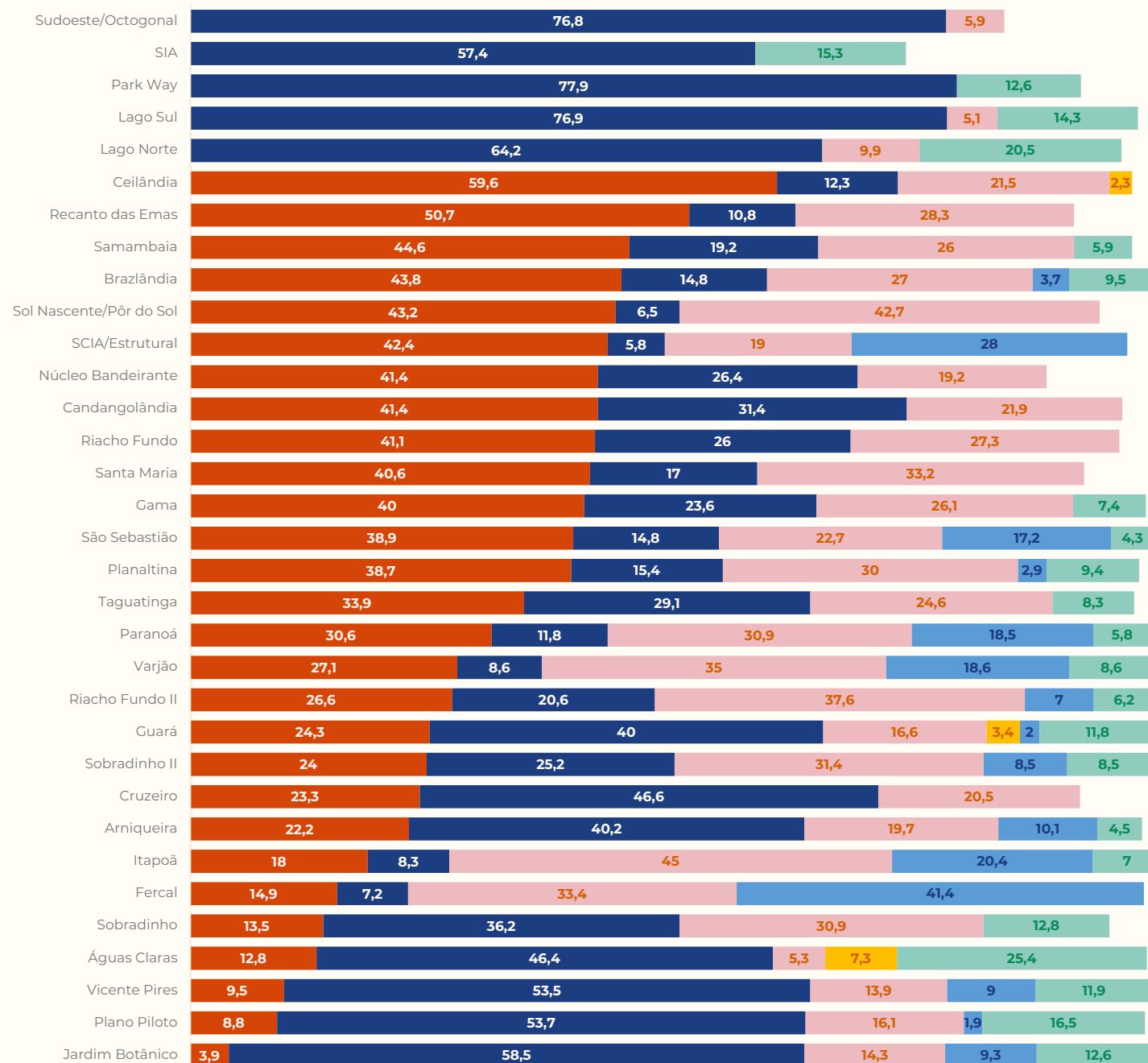
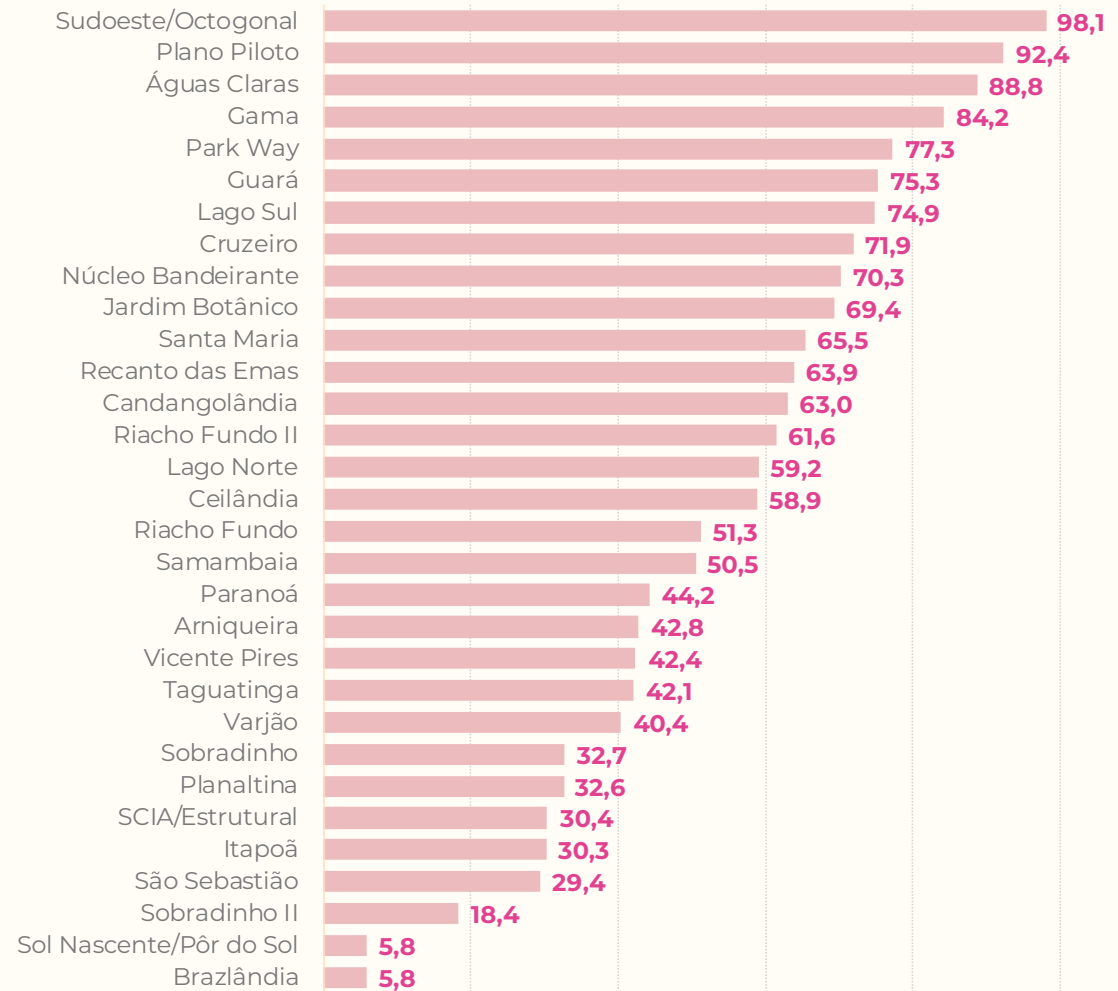


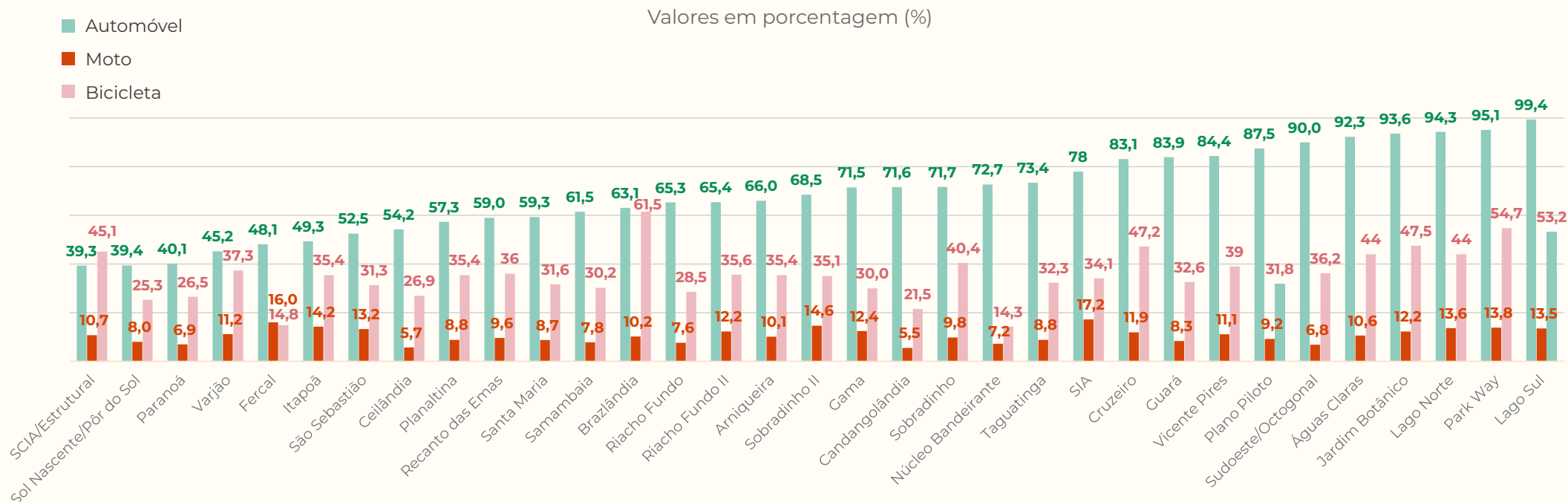
Gráfico 26: Domicílios com ciclovias nas proximidades, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 27: Domicílios que possuem ao menos um automóvel, moto ou bicicleta para mobilidade, por Região Administrativa do DF (2021)



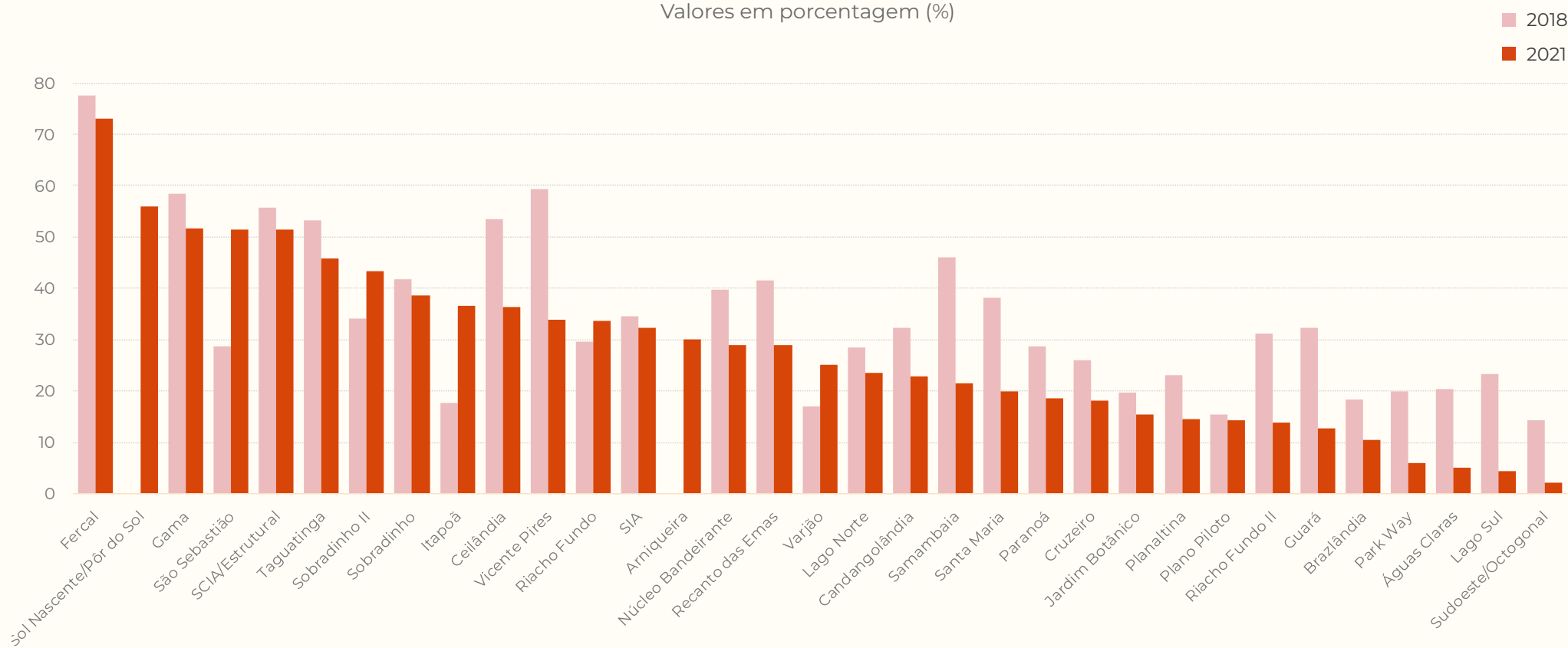
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Outros dois dados que confirmam esta situação são aqueles de ruas de acesso esburacadas e também sobre espaços culturais próximos. Mesmo com um vigoroso mo-

vimento cultural, as RAs negras e periféricas possuem menos espaços culturais. Mesmo com menor acesso a carros, estas RAs possuem também as ruas mais esburacadas.

Gráfico 28: Domicílios localizados em rua de acesso esburacada, por Região Administrativa do DF (2018 e 2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Observamos assim que a mobilidade urbana é desigual em sua forma de execução, formulação e acesso pelas pessoas de diferentes regiões do DF. Trata-se de uma área determinante para o

direito à cidade. As diferenças em relação a este vetor social foram construídas por meio de ação concreta dos governos, que privilegiaram algumas regiões em detrimento de outras.



Foto: Victor Queiroz

Foto: Victor Queiroz



BASEADO EM FATOS SOCIAIS (QUESTÕES DE UMA JUVENTUDE NEGRA SAMAMBAIENSE) *_SINGELO MC*

No meio urbano, veio um mano
portando um dedo ou um cano, solicitou meu celular.
“Calma muleque, moro ali embaixo
de vergonha raxo se tu me ripar”.

Eu distraído, com mp4 rosa
receberia menção honrosa se conseguisse escapar
Todo pacifista, fui negociando
enquanto estava rolando “Carpe Diem”, do MC Solaar

Meteu a mão no fio do meu fone
com voz de quem tava com fome
“Passa o celular”

Celular eu não tenho
e o celular no meu bolso
Imagina se eu rio ou desdenho
do fato dele não revistar.
“Bora pivete, segue teu rumo
se não te arrumo motivo pra não voltar”
Moleque educado, falou de um modo tão cuidadoso
todo jeitoso, não tive como não aceitar

Cheguei em casa, num tremendo dilema
estava com um problema e queria resolver
não sei se ele me roubou,
com o dedo indicador

mas eu num queria pagar pra ver.
Ah, mas tá de boa...

Eu sei o teu nome, conheço teu apelido
ela tava perdido, se o B.O eu registrasse
grande impasse, sei até onde cê cola
devia tá na escola, mas tá aí metendo fita

Sorte que eu esqueci teu nome
lá na hora do assalto
com educação eu não falto.
Meter o louco na própria quebrada
nunca foi certo e continua errado.

Não registrei o b.o.
Porque achei melhor
dar outra chance.
Muitos dos nossos morrem por revanche.

Não vem me dizer, que eu sou sem esperança
Acredito na adolescência e elas vão botar pra render.
Vi o mano novamente num canto da cidade
a sensação de impunidade, não é preponderante.

Devemos problematizar a medida socioeducativa
mas não denunciei o mano porque eu perdi meu aparelho eletrônico
ele podia perder a vida.



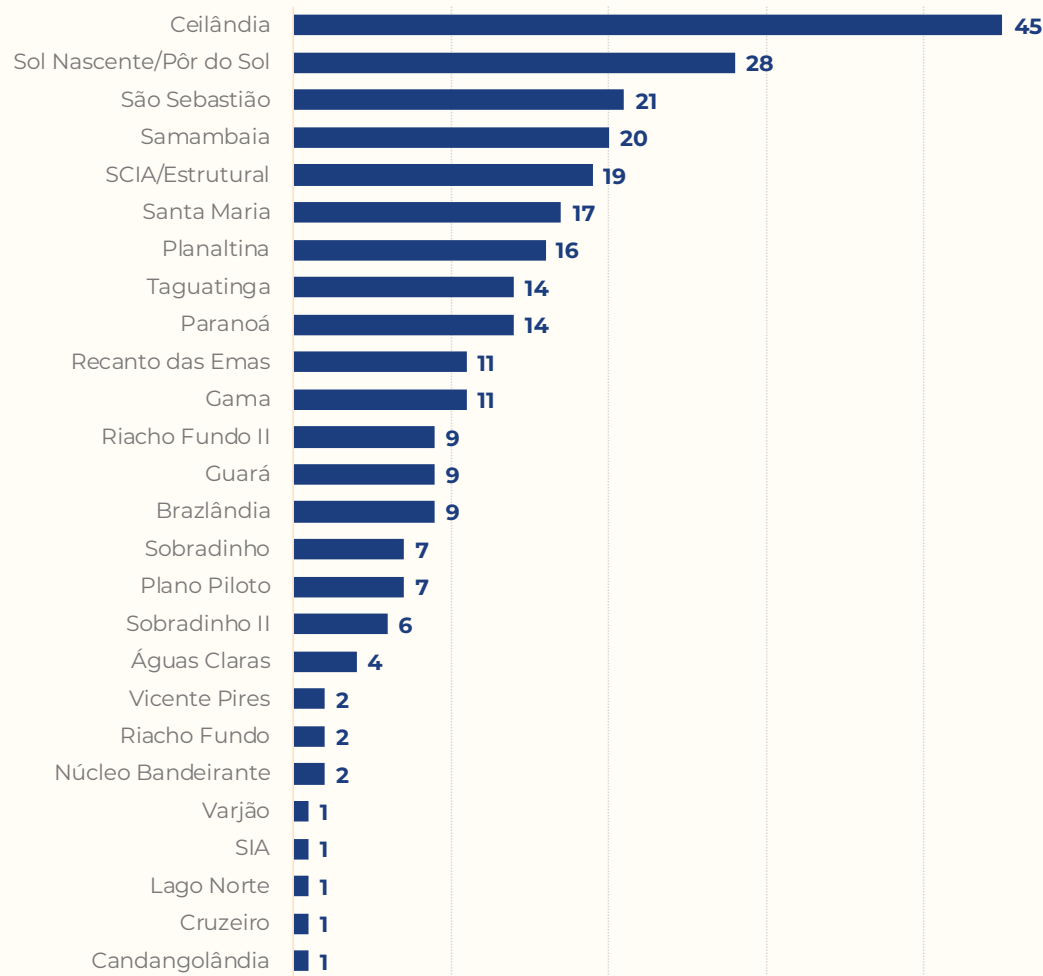
Segurança Pública

A segurança pública será analisada aqui com base nos indicadores de desigualdade regional cortados pelas dimensões de raça e gênero. A análise dos dados à luz destas duas estruturas de opressão se faz para que possamos compreender a dinâmica da segurança em uma perspectiva diferente daquela que prioriza os bens e poses individuais em detrimento da vida das pessoas.

As taxas de homicídio são maiores nas Regiões Administrativas que mantêm padrões de desigualdade de raça, renda e infraestrutura. A dinâmica dos homicídios obedece, porém, às estruturas de dados nacionais sobre Genocídio da População Negra e Feminicídios. Neste sentido, é importante observar a dimensão racial dos homicídios tanto por RAs (onde os indicadores da Estrutural e Sol Nascente/Pôr do Sol são alarmantes, como também na caracterização racial e de gênero dos dados gerais do DF.

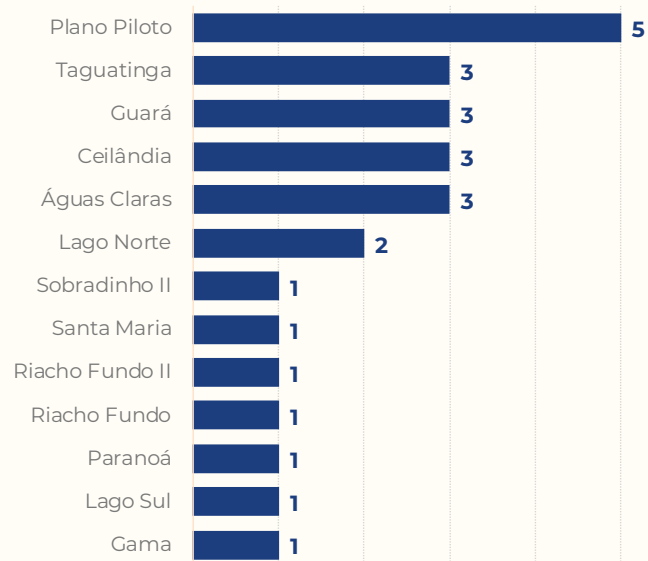
Os crimes de racismo acontecem espalhados por todo o DF. Porém, há maior ocorrência em regiões administrativas de maioria branca, ou em espaços de trabalho chefiados por pessoas brancas em regiões periféricas. Há que se notar, porém, que pela resistência institucional à denúncia do crime de racismo, ele ainda é muito subnotificado. Já o crime de injúria racial possui mais notificações e, nele, podemos perceber que as proporções de desigualdade regional se mantêm ali expressas nas mesmas condições.

Gráfico 29: Taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes, por Região administrativa do DF (2021)



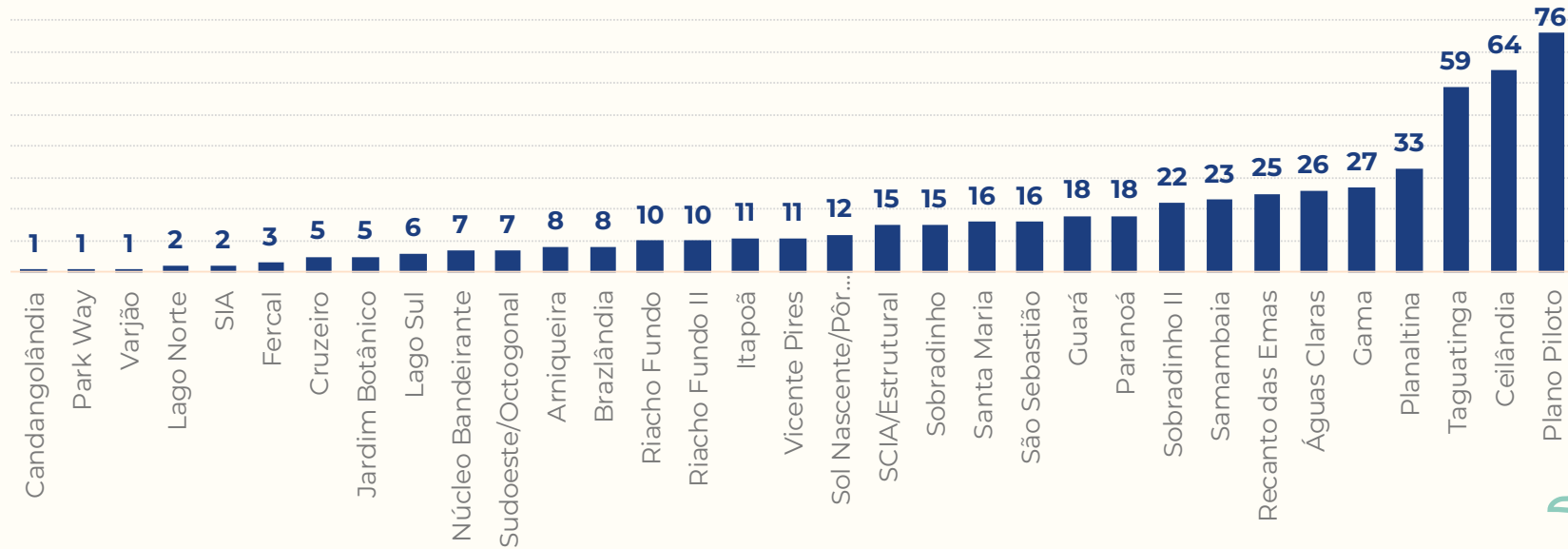
Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 30: Crimes de racismo, por Região administrativa do DF (2020 a 2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 31: Crimes de injúria racial, por Região administrativa do DF (2020 a 2021)



Fonte: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

As políticas de desigualdade regional propiciam, também a violência machista. Regiões com os piores indicadores de políticas públicas são aquelas onde as taxas de feminicídio, estupro e violência doméstica são mais altas. As taxas de feminicídio são maiores na Ceilândia, Samambaia e Santa Maria; os estupros e descumprimentos de medidas protetivas da lei Maria da Penha são maiores em Ceilândia, Samambaia e Planaltina. Ao contrá-

rio do argumento preconceituoso e racista de que estas regiões são habitadas por pessoas mais violentas, a correlação de dados de acesso às políticas públicas como um todo torna óbvio que é na desigualdade construída pelo Estado que está a chave desta violência. As políticas de combate à violência contra a mulher precisam se estruturar conjuntamente ao acesso às demais políticas públicas da sociedade.

Gráfico 32: Feminicídios consumados, por Região administrativa do DF (2015 a 2022)

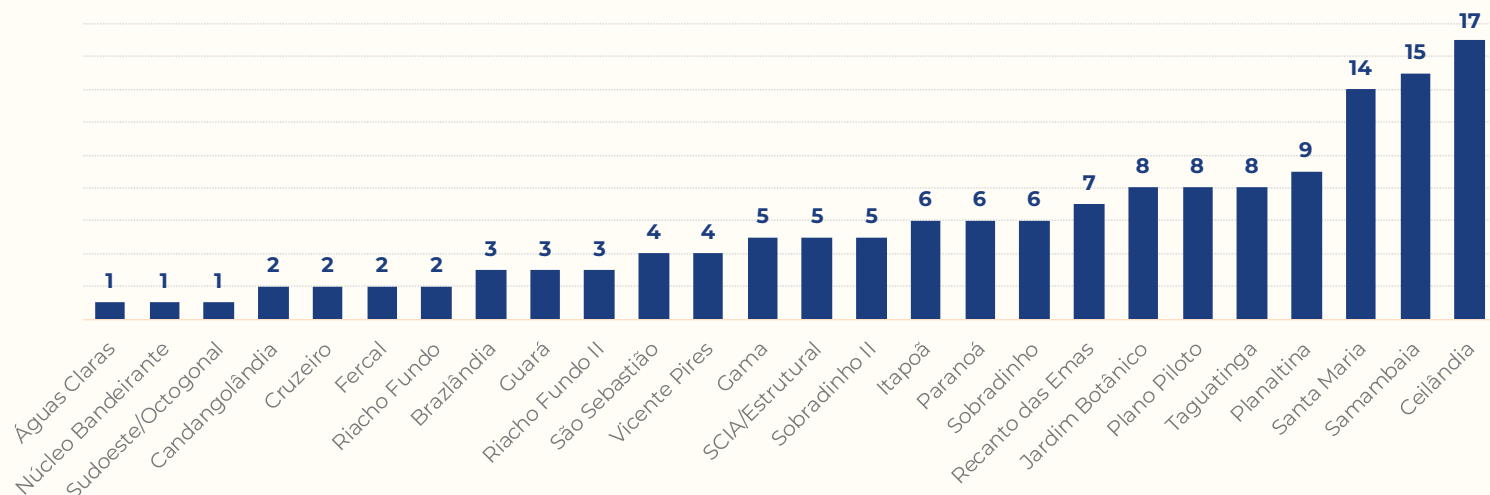
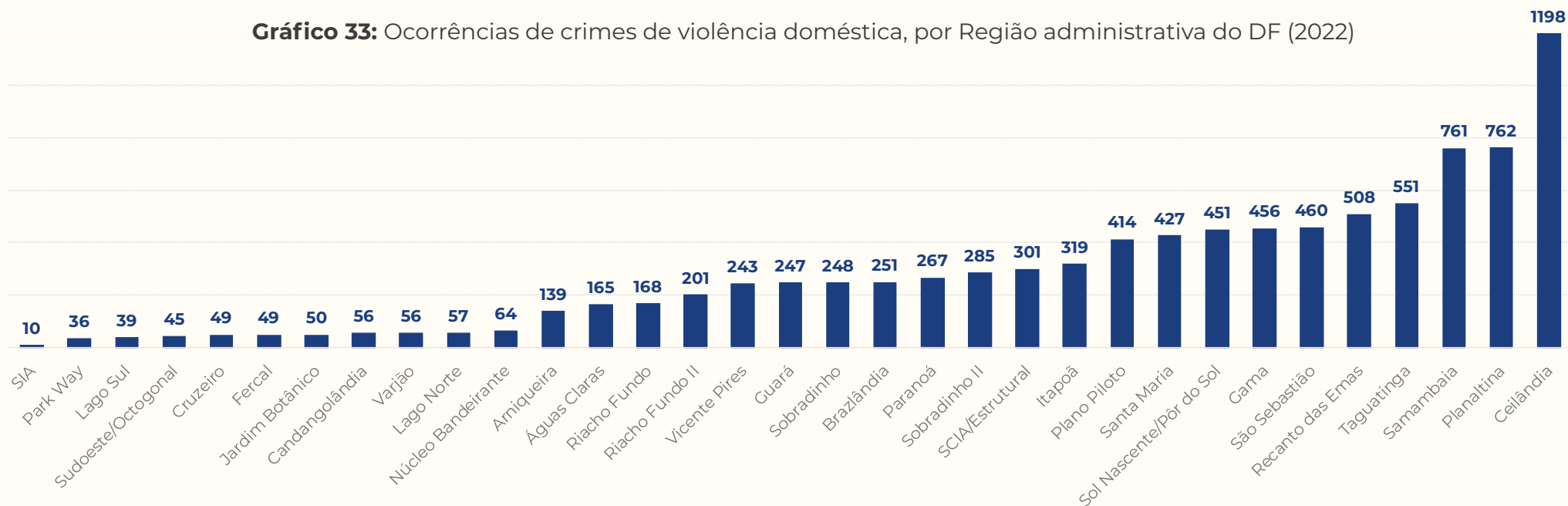
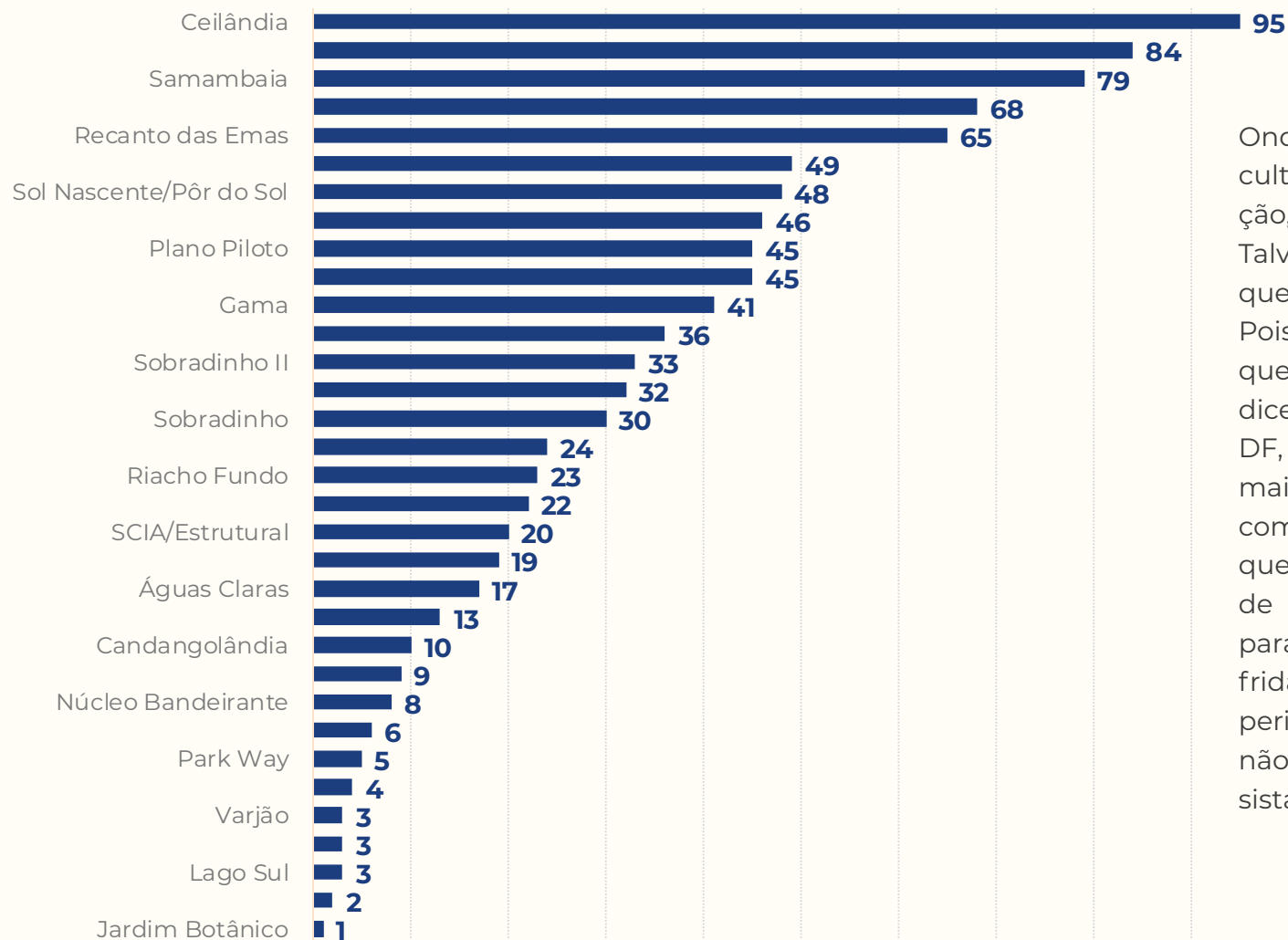


Gráfico 33: Ocorrências de crimes de violência doméstica, por Região administrativa do DF (2022)



Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 34: Ocorrências de descumprimento das Medidas Protetivas de Urgência - MPU previstas na Lei Maria da Penha, por Região administrativa do DF (2022)



Onde não há políticas públicas de cultura, saneamento, saúde e educação, a violência torna-se espetáculo. Talvez esta frase, por mais assertiva que seja, não revele suas contradições. Pois, se por um lado, é nas periferias que se concentram os maiores índices de homicídio e feminicídio no DF, é o Plano Piloto – região com o maior número de espaços culturais como teatros, museus, praças e parques – que lidera o ranking do crime de racismo. Percebe-se então que, para além da violação de direitos sofrida pela população pobre, negra e periférica, o acesso a estas políticas não inibe ou extingue o caráter classista e racista do centro da capital.

Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Cultura, esporte e lazer

As desigualdades também estão expressas nas políticas de cultura, esporte e lazer. Além de a maior parte dos recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) serem direcionados ao Plano Piloto em detrimento das demais cidades – mesmo que haja cultura viva e diversificada nas diferentes regiões – os espaços culturais também se concentram nas regiões centrais como Sudoeste, Águas Claras e Plano Piloto. Na outra ponta, encontramos as mesmas regiões que sofrem com a ausência de políticas públicas, como Sol Nascente/Pôr do Sol, Fercal, Itapoã, Estrutural, Varjão. Somados à falta de transporte público nos finais de semana, além das tarifas impagáveis para momentos de lazer, a população desses locais fica alijada de manifestações culturais distantes da que produzem em suas regiões, além de não conseguirem compartilhar o que fazem com outros territórios.

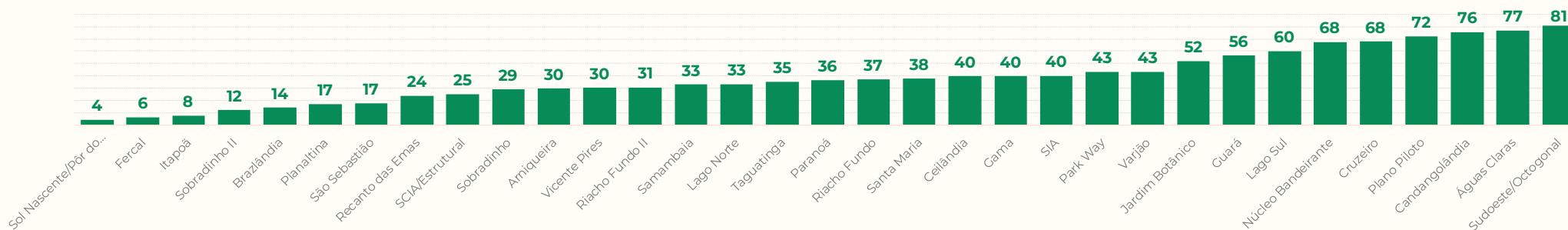


A convivência faz parte da cultura, portanto, espaços públicos compartilhados são importantes. Além de faltarem equipamentos de cultura nessas cidades, faltam também as praças, quadras de esportes, parques e arborização. Os dois gráficos abaixo demonstram esta distância entre domicílios e praças,

quadras de esportes, ruas arborizadas, parques ou jardins por RAs. As desigualdades expressas na saúde, saneamento, educação, saúde e outros indicadores mantêm a mesma lógica nos dados a seguir.

Gráfico 35: Domicílios localizados próximos a espaços culturais, por Região Administrativa do DF (2021)

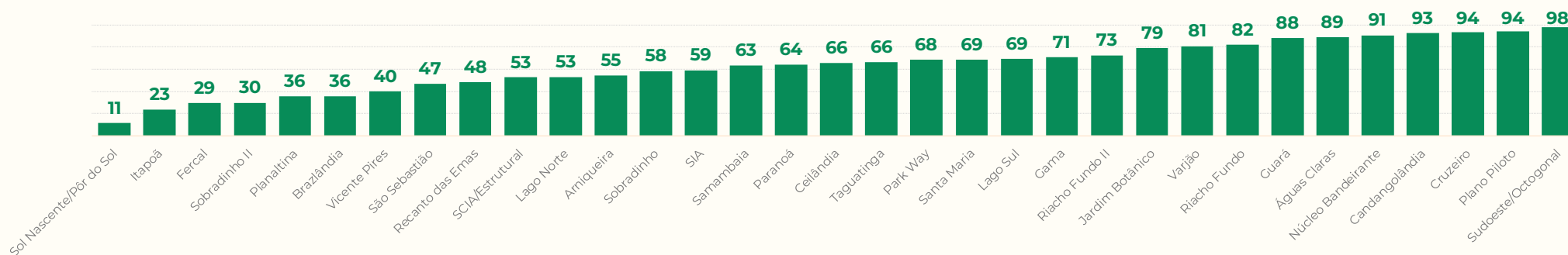
Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 36: Domicílios localizados próximos a praças, por Região Administrativa do DF (2021)

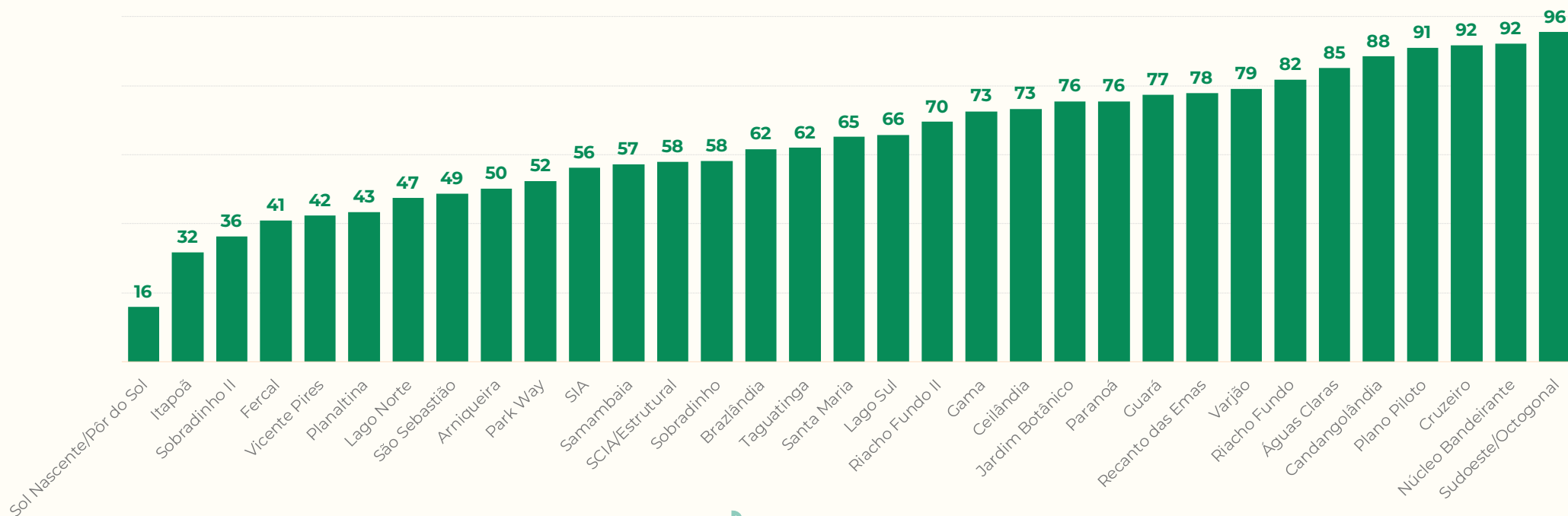
Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 37: Domicílios localizados próximos a quadras, por Região Administrativa do DF (2021)

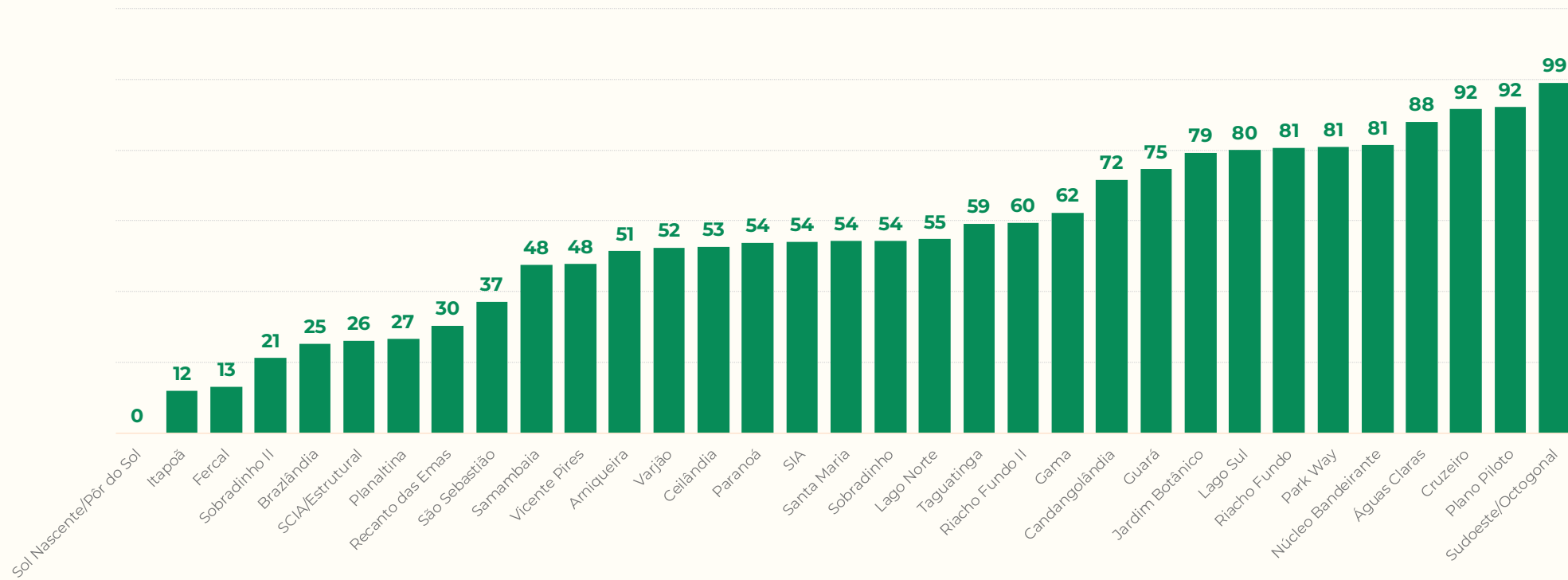
Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 38: Domicílios localizados próximos a parques e jardins, por Região Administrativa do DF (2021)

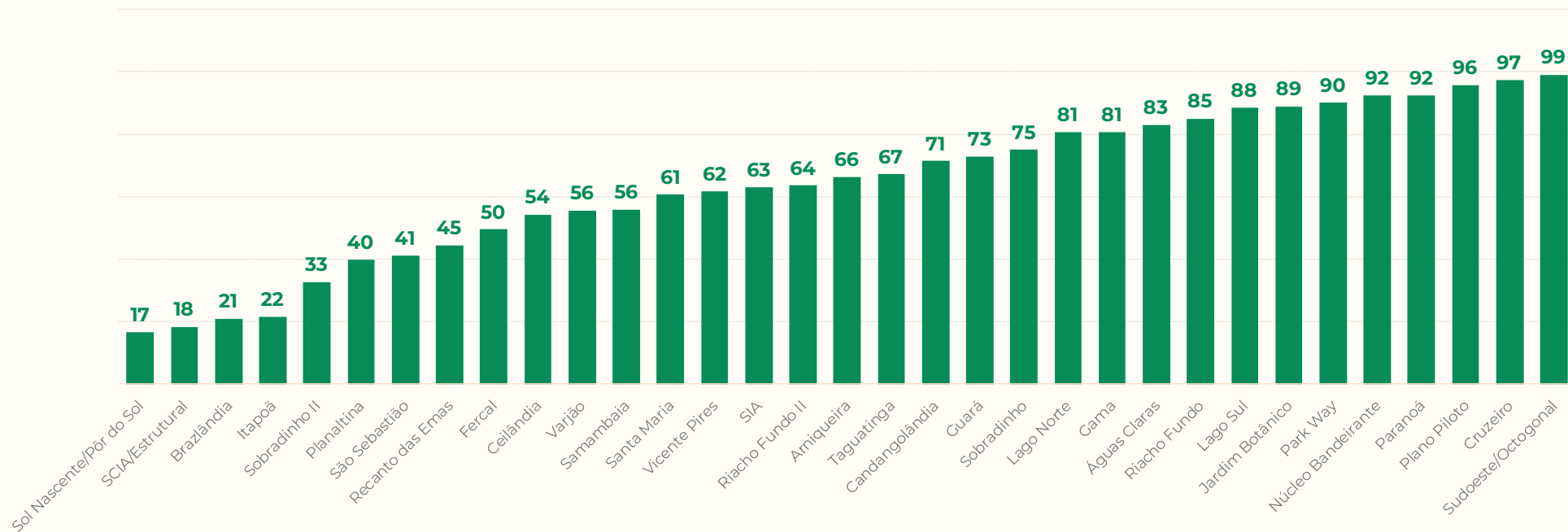
Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos : PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Gráfico 39: Domicílios localizados em ruas arborizadas, por Região Administrativa do DF (2021)

Valores em porcentagem (%)



Fonte dos gráficos: PDAD/DF, 2022 - Elaboração própria.

Enfim, percebemos que as políticas de cultura são direcionadas ao centro da cidade. Elas repetem o padrão de desigualdades regionais em acesso às demais políticas públicas. A despeito da

vigorosa produção de cultura popular em diferentes regiões do DF, as políticas públicas para o setor não contemplam a todos.



AN 2
4.70

INSTITUTO
MUNICIPAL DE
DESENVOLVIMENTO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os padrões de desigualdade regionais no DF repetem-se quase invariavelmente em todos os indicadores de políticas públicas. A desigualdade no Distrito Federal é uma produção do Estado e das elites, como projeto pensado e colocado em prática desde que resolveram mudar a capital para o Planalto Central, ignorando as pessoas que aqui viviam e suas culturas. Ignorando também as pessoas que se jogaram na empreitada, como forma de ganhar a vida e sonhar com um futuro melhor, em outro lugar.

Estas desigualdades impactam diretamente a construção de cidadania, participação social e dignidade. Igualmente elas impactam a produção de violência, criminalidade e repressão. A discrepância da presença do Estado nas diferentes regiões salta aos olhos, pois enquanto nas regiões centrais há toda a espécie de equipamentos públicos e

políticas públicas que garantem uma existência confortável, nas periferias, especialmente aquelas com população mais negra, resta a convivência com falta de saneamento, condições de habitabilidade, acesso à internet, escolas próximas de casa, saúde pública de qualidade, transporte público eficiente e confortável. A presença do Estado nas periferias geralmente se dá com seu aparato repressivo, não apenas o policiamento, como também nas escolas - muitas delas militarizadas.

As pesquisas com dados desagregados nos permitem observar essas enormes distâncias. Contudo, os dados regionalizados estão pouco a pouco perdendo a capacidade de captar algumas diferenças sociais intrarregionais que emergiram no Distrito Federal na última década. O processo de condominialização promovido pelo mercado imobiliário local, somado às produções de novas favelas dentro das Regiões Administrativas, consolidou diferenças dentro das RAs. O Instituto de Pesquisa e Estatística do DF, IPE, precisa mergulhar nesse universo e desenvolver metodologias que consigam captar essas diferenças. Visto que as desigualdades também se expressam de forma intraterritorial.

A presença das cidades do entorno na cultura e economia do DF é cada vez mais explícita, de forma que as desigualdades mapeadas atualmente demandam a inclusão dessas cidades nas análises. É preciso consolidar a região metropolitana dentro da institucionalidade, com todos os impactos que ela traz para a vida do DF e, especialmente, para a vida das pessoas que circulam cotidianamente entre suas cidades-dormitório e os postos de trabalho nas regiões centrais do DF.

Cabe ao Governo do Distrito Federal, especialmente diante da elaboração do Plano Plurianual (PPA), analisar os dados produzidos pelo próprio governo via IPE, além de planejar priorizando as regiões com maiores carências de políticas públicas. Cabe ao Poder Legislativo pressionar o Executivo e acompanhar de perto a execução das políticas e do orçamento público.

Nós, movimentos sociais e organizações da sociedade civil estamos de olho e vamos nos mobilizar para que as prioridades mudem e alcancem aqueles que estão ausentes do orçamento público e das prioridades do Estado, apesar de serem os que proporcionalmente pagam mais impostos.



Foto: Victor Queiroz

O MAPA - PARTE I

_SINGELO MC, AYOOLA, DUDUMANO E MC FERNANDES

Quem dera a vida fosse bela igual passa na novela
E minha quebrada não parecesse um campo de guerra
Uma guerra mascarada, onde o sistema é o inimigo
Quando a polícia chega o que sinto é perigo
Olhando no espelho me pergunto se consigo?
Lutar pelo meu sonho e chegar em casa vivo
Direto do nada, lado oculto da cidade
Sobra disposição, falta oportunidade

Hey Brown, real
O mundo é diferente da pra ponte pra cá
Original CEI, Terra da caixa d'água
Eu corro, tu corre, nós corremos atrás do ônibus
Congestionamento, perda de tempo e frustração
Metrô, baú sempre quebrado, muito caro
Superlotação é foda irmão

Tanta Desigualdade, falta de oportunidade
Emprego, saúde, educação de qualidade
Só caos, calamidade
Periferia, manchete no jornal
Sobre tudo estamos vivos
Firme e forte até o final

Desde o início da capital, Distrito federal
Centralizam o poder, photoshop social
Quanto mais pobre, mais desigual
São diferenças sociais,
São sentenças desiguais

[Refrão]

Uau

Quanto mais pobre

Mais desigual

Uau

Quanto mais pobre

Mais desigual

São diferenças sociais,

São sentenças desiguais

Todo bendito dia é a mesma aflição:

Ônibus lotado, atrasado, quando não tá quebrado

E o patrão achando nós irresponsável

E desconta uma diária inteira do nosso salário

Quero emancipação, vou atrás de educação
Mas meu acesso é limitado, depende das condições
Ter alguém pra cuidar das crianças
A noite depois do trabalho, é quando eu poderia

Prepara a armadilha que o sol já tá no céu
Depois do banho é base, blush, rímel
Linha com pincel nos trink, pra valorizar
As curvas desse olhar atento
Não se distrai com qualquer movimento

Põe água pra ferver, cuscuz pra hidratar,
As roupas pra bater. Ninguém pra me ajudar
Passo o café, passo o uniforme, tudo nos conformes
As crianças também já tão de pé.

[Refrão]

Uau
Quanto mais pobre
Mais desigual
Uau
Quanto mais pobre
Mais desigual
São diferenças sociais,
São sentenças desiguais

Vinte e cinco de outubro de oitenta e nove
Conquista de direitos, não doação de lotes
Eu também li o “Hip Hop em mim”
E foi isso que me fez chegar até aqui

Mapa da desigualdade é mapa de oportunidade
Já que eu sei onde tá o erro, então me resta atividade
Samambastreet, Batalha da EXP, Batalha do Metrô
Chafariz, Pimba, Pau Melado, Paixão do Cristo Negro
Parque Três Meninas, Belchior e Gatumé
Expansão, Morro do Sabão, um salve pra quem é!
()

O MAPA - PARTE II


_AGGIN, BABI MC E PANTI

Pela sombra dessa nuvem, eu sei que vai chover
Chove a evasão no ensino médio
Escola militarizada mata a identidade e cresce o ego
Criança com status de ser Mayweather

Você sabe, sabe (sabe).
No busão eu perco tempo crucial
Entregue ao acaso só vem lotado
É um para e não para, ele quebra, ele mata
Já que o tempo é inevitável, isso é real.

E ó que eu nem falei que é pra Estrutural.
Esses bicho se passa Julgam minha raça
Cobra mais caro pra deixar na entrada.

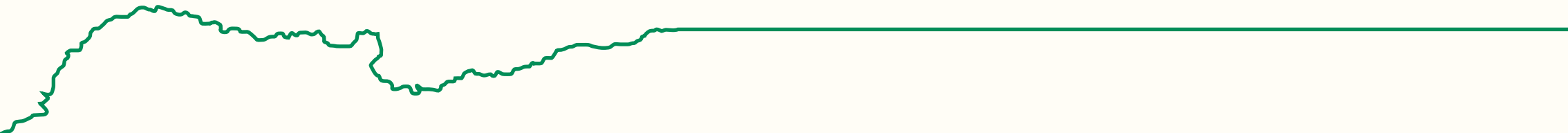
Na minha cidade esse otário não entra
Na universidade meus manos sonham
Especulação imobiliária acontece
Nossa quebrada ficando mais pobre.



Tem um mano meu que queria estudar
Hoje ele me viu cantando no aulão.
De manhã nós se coloca no lugar
A noite nós tudo se vê no bailão.

Conectando a cidade num ritmo vivo.
Fortalecer quando não derem a mão
É por isso que tenho yombá no umbigo
Pisa ligeiro, nós é formigueiro
De jeito maneira vou lombrar contigo.
Precisamos de tempo pra planejar.
Movimento pra alongar dias vivo.

Eu ando pela fé no que me guia. No que me cria
Que conduz meus pensamentos
Vai além do que eu sinto
Que absinto, tô em pleno abismo
Em pleno abismo



Mulher virtuosa, sempre a vítima
Passa na rua: psiu, mas que gostosa
Mas perigosa
Mulher virtuosa
Mulher virtuosa

Muitas desigualdades
Num corre sem igualdade
Mapa das desigualdades
Latinas de classe
Contrariando as estatísticas
De um sistema que trabalha com mímica
Em memória carcerária sem liberdade.
Mobilidade, sem Qualidade
Esse é o Brasil um mundo que invade
O psico de qualquer um.
De qualquer um, de qualquer um
Chora grita grita 2x / Eles não sabem o que fazem2x

Trago toda essa labuta e esse ódio no peito
De nunca ser destaque, sempre ser suspeito
Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas teu filho me irrita

O sonho da facul fica a dois baú daqui
Cheguei puto e atrasado, mas vale a pena insistir
Eu tenho medo de não tolerar sobreviver
Eles têm o meu suor não merecem meu perdão
Por cada situação que tive que submeter
A revolta de nunca ter o que eles têm
Nunca alcançar o que convém
Todo redor em ruína e cabeça tem que tá bem
Foda é nascer humano e tem que provar que é alguém

